

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

FRANCHECOLLY RIBEIRO SIGALES

**ENTRE CORPOS E O ANONIMATO:**  
**um estudo da relação entre a morte heroica iliádica e o Catálogo Troiano**

**Porto Alegre**

**2023**

**FRANCHESCOLLY RIBEIRO SIGALES**

**ENTRE CORPOS E O ANONIMATO:  
uma análise da relação entre a morte heroica iliádica e o Catálogo Troiano**

Trabalho de conclusão do curso de graduação para a obtenção do título do grau de Licenciado em História do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

**Porto Alegre**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, por todo o auxílio fornecido durante o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas de graduação, destacando o Johann, pela ajuda e por compartilhar comigo a experiência de realizar um TCC em História Antiga.

Agradeço especialmente à minha mãe, Raquel Castro Ribeiro, e aos meus avós, Oreni Rosa Sigales e Amadelino Padilha Sigales. Vocês fizeram com que isso fosse possível e deram um significado a essa realização.

## RESUMO

A morte heroica ocupa uma posição central nos versos iliádicos. O herói homérico luta e perece em campo de batalha visando romper com sua condição específica de existência, na qual a mestiçagem de sua ascendência lhe fornece a excelência, pelo lado divino, enquanto sua porção humana o prende aos grilhões da mortalidade e envelhecimento. Morrer em combate, jovem e gloriosamente, é a solução encontrada para a obtenção da juventude imorredoura, uma vez que os poetas perpetuam a glória heroica por meio de seus cantos que perpassam as gerações vindouras. No presente trabalho foi produzida uma análise quantitativa e qualitativa das mortes heroicas descritas na *Ilíada*. Desta forma, foram realizadas tabulação das mortes iliádicas, tanto no nível geral, com a especificação dos agentes envolvidos nas fatalidades encontradas ao longo dos cantos; quanto com as especificidades de cada contingente e das posições hierárquicas ocupadas pelos heróis. Para tal, foi adotado como critério o estudo da relação entre a morte e os heróis descritos no Catálogo Troiano, presente no canto II da obra homérica. Assim, são abordadas as particularidades da belicosidade dos heróis descritos como líderes dos contingentes da aliança troiana, comparando-os com os heróis não-líderes de contingente que atuavam em defesa de Ílion, e também com os líderes do contingente aqueu apresentados no Catálogo das Naus. Verifica-se uma situação na qual a relevância bélica, principalmente sobre a capacidade de pôr fim a vida de aqueus, é uma característica que não está ligada diretamente com a posição de destaque dos heróis que lideram os contingentes, mas sim com a origem dos personagens, uma vez que a Tróade, mais especificamente Ílion, é responsável por grande parte embates troianos bem sucedidos, relegando ao restante da aliança uma posição secundária ou de irrelevância. Ainda assim, o que constata-se é que Homero utiliza a presença e a glória fornecida aos personagens pertencentes a aliança troiana como um todo para que as suas mortes culminem em uma potencialização da excelência aqueia.

Palavras-Chave: Morte heroica. Catálogo Troiano. *Ilíada*. Homero. Grécia Antiga.

## ABSTRACT

The heroic death occupies a central position in the Iliadic verses. The Homeric hero fights and perishes on the battlefield in order to break with his specific condition of existence, in which the miscegenation of his provenance provides him with excellence, on the divine side, while his human portion binds him to the shackles of mortality and aging. To die in combat, young and glorious, is the solution found to obtain undying youth, since poets would perpetuate heroic glory through their books that permeate future generations. In the present work, a quantitative and qualitative analysis of the heroic deaths described in the Iliad was carried out. Thus, the Iliadic deaths were tabulated, both at the general level, with the specification of the agents involved in the fatalities found along the books; as well as with the specificities of each contingent and the hierarchical positions occupied by the heroes. To this end, it was adopted as a criterion the study of the relationship between death and the heroes described in the Trojan Catalogue, present in book II of the Homeric production. Thus, the particularities of the bellicosity of the heroes described as leaders of the contingents of the Trojan alliance are addressed comparing them with the non-leader heroes of the contingent who acted in defense of Ilium, and also with the leaders of the Achaean contingent, presented in the Catalogue of the Ships. There is a situation in which the military relevance, mainly regarding the ability to put an end to the lives of Achaeans, is a characteristic that is not directly linked to the prominent position of the heroes who lead the contingents, but rather to the origin of the characters, since the Troad, more specifically Ilium, is responsible for most successful Trojan battles, relegating the rest of the alliance to a secondary or irrelevant position. Still, what is found is that Homer uses the presence and glory provided to the characters belonging to the Trojan alliance in order that their deaths culminate in a potentiation of Achaean excellence.

Keywords: heroic death. Trojan Catalogue. Iliad. Homer. Ancient Greece.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1 - A OBRA, OS PERSONAGENS E O OBJETO DE ANÁLISE.....</b>	<b>17</b>
1.1- Epopeia.....	17
1.2 - Herói.....	19
1.3 - Bela Morte.....	23
<b>2 - OS HOMENS, AS MORTES E OS NÚMEROS.....</b>	<b>27</b>
<b>3 - OS LÍDERES DE CONTINGENTE E OS OUTROS HERÓIS DA ALIANÇA TROIANA..</b>	<b>33</b>
3.1 - Os líderes de contingente da Aliança Troiana.....	33
3. 2 - Os heróis não-líderes da Aliança Troiana.....	38
<b>4. OS HERÓIS, OS CATÁLOGOS E AS MORTES.....</b>	<b>41</b>
4.1 Análise comparativa da relação bélica dos líderes de contingente apresentados no Catálogo Troiano e no Catálogo das Naus:.....	41
4.2 A relevância das mortes e seus atores.....	44
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE A - QUADRO 1: A DISTRIBUIÇÃO DA MORTE HEROICA AO LONGO DA ILÍADA.....</b>	<b>55</b>
Quadro 1.1 - A morte heroica no canto I.....	55
Quadro 1.2 - A morte heroica no canto II.....	55
Quadro 1.3 - A morte heroica no canto III.....	55
Quadro 1.4 - A morte heroica no canto IV.....	55
Quadro 1.5 - A morte heroica no canto V.....	56
Quadro 1.6 - A morte heroica no canto VI.....	57
Quadro 1.7 - A morte heroica no canto VII.....	57
Quadro 1.8 - A morte heroica no canto VIII.....	57
Quadro 1.9 - A morte heroica no canto IX.....	57
Quadro 1.10 - A morte heroica no canto X.....	58
Quadro 1.11 - A morte heroica no canto XI.....	59
Quadro 1.12 - A morte heroica no canto XII.....	60
Quadro 1.13 - A morte heroica no canto XIII.....	60
Quadro 1.14 - A morte heroica no canto XIV.....	61
Quadro 1.15 - A morte heroica no canto XV.....	62
Quadro 1.16 - A morte heroica no canto XVI.....	63
Quadro 1.17 - A morte heroica no canto XVII.....	65
Quadro 1.18 - A morte heroica no canto XVIII.....	65
Quadro 1.19 - A morte heroica no canto XIX.....	65
Quadro 1.20 - A morte heroica no canto XX.....	65
Quadro 1.21 - A morte heroica no canto XXI.....	66
Quadro 1.22 - A morte heroica no canto XXII.....	66
Quadro 1.23 - A morte heroica no canto XXIII.....	66
Quadro 1.24 - A morte heroica no canto XXIV.....	66
<b>APÊNDICE B - QUADRO 2: A DISTRIBUIÇÃO DA MORTE HEROICA ILIÁDICA AO</b>	

<b>LONGO DOS CANTOS E ENTRE OS CONTINGENTES.....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE C - QUADRO 3: HERÓIS LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE D - QUADRO 4: HERÓIS NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE E - QUADRO 5: DETALHAMENTO DAS SITUAÇÕES FATAIS QUE ENVOLVAM LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE F - QUADRO 6: DETALHAMENTO DAS SITUAÇÕES FATAIS QUE ENVOLVAM NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA.....</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade Grega até a contemporaneidade as obras de Homero ocuparam, e ainda ocupam, uma posição de destaque, sobrevivendo às dificuldades que a passagem dos séculos a elas impuseram: tanto no âmbito físico, com a preservação material de alguns registros; quanto no cultural, com a continuidade da sua valorização em grupos que não compartilham do imaginário social helênico apresentado nas disputas em solo troiano e nas viagens do retorno de Odisseu. A Grécia, tradicionalmente, ocupa a posição de berço cultural do Ocidente. Indo além de uma História local, ao estudarmos a sociedade grega da antiguidade, estamos estudando a própria História Mundial. É cognoscível a influência das produções oriundas do mundo grego na cultura de diversos povos ao redor do mundo, mas isso não significa dizer que ela assim o é por natureza.

Um povo latino-americano, tal como é o caso do Brasil, reconhece-se como descendente cultural de uma tradição produzida por povos helênicos – territorialmente situados no Mediterrâneo e temporalmente localizados na Antiguidade grega (II milênio a.C. - IV século a.C.) –, pois é motivado por um projeto nacional de apagamento histórico de negros e indígenas na origem e continuidade da nação brasileira, substituindo-os por um reforço dado às influências europeias. Tal fato não seria possível sem um longo processo histórico e político centralizado em dinâmicas de poder intra e interestatais. Sobre a influência na sociedade brasileira, Norberto Luiz Guarinello escreve justamente como “Desde o século XIX, a ‘ocidentalização’ da nossa História e da nossa memória foi um projeto consciente do Estado brasileiro e das nossas elites.”<sup>1</sup>, o que nos insere em uma dinâmica teleológica na qual temos a História da Grécia como o momento de partida, e como destino o pertencimento europeu da população e cultura brasileiras.

Até mesmo o carnaval brasileiro, um ambiente marcado pelo reforço e homenagens à importância sócio-cultural das sociedades indígenas e africanas na composição da nação brasileira, têm, no ano de 2023, a escola Independente Tricolor apresentando-se no Sambódromo do Anhembi com um desfile que adota a

---

<sup>1</sup> GUARINELLO, N. L.. História Antiga e memória social. In: **História Antiga**. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1. 2013. p. 7.

Guerra de Tróia como tema<sup>2</sup>. A referência direta a uma poesia épica, por si só, não corresponde a um problema, mas possibilita um questionamento sobre os motivos que levam a uma maior acessibilidade e proximidade cultural brasileira com epopeias gregas, ao invés de outras ao redor do mundo, tais como o *Mwindo*, do povo Nyanga, e o *Son-Jara*, do Mali.

Presentes na língua, expressões idiomáticas como “presente de grego” e “cavalo de Tróia” também podem ser vistas em nosso repertório cultural, com seu significado diretamente ligado à Grécia Antiga. A influência cultural é tamanha ao ponto de, na linguagem da computação, “Cavalo de Tróia” – com mais frequência a sua versão em inglês, “*Trojan Horse*” – abranger programas que, após obterem acesso ao sistema, disfarçando-se de programas úteis, fornecem ao autor os direitos de gerenciamento possuídos pelo usuário<sup>3</sup>.

Outro setor cultural em que se faz numerosa a presença de referências à Antiguidade grega é o das mídias audiovisuais, no qual as produções são fomentadas por um mercado milionário. Tomando o universo dos jogos eletrônicos do século XXI, podemos citar as obras *Age of Mythology* (2002), *God of War* (2005), *Rise of the Argonauts* (2008), *Smite* (2014), *Assassin's Creed Odyssey* (2020) e *Hades* (2022) como produções que abordam, de forma direta ou tangencial, os personagens oriundos da tradição mitológica compartilhada pelo mundo helênico do Período Clássico (V - IV a. C.). No cinema e televisão, também são numerosos os exemplos de adaptações produzidas, variando desde aquelas que buscam atingir o público infantil; tal como o filme *Hércules* (1997) e a animação japonesa *Os Cavaleiros do Zodíaco* (1986); até aquelas destinadas para jovens e adultos, como os longas-metragens *Fúria de Titãs* (2010) e *Imortais* (2011), e a série animada *Gods & Heroes* (2020). A pungência econômica do setor pode ser percebida com o filme *Tróia*<sup>4</sup>, lançado no ano de 2004, sob a direção de Wolfgang Petersen e estrelado por Brad Pitt, no papel de Aquiles. Somente com a bilheteria, a adaptação

---

<sup>2</sup> INDEPENDENTE Tricolor abre Grupo Especial em SP cantando Guerra de Troia em sua volta à elite. G1. 18 fev. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2023/noticia/2023/02/18/independente-tricolor-abre-grupo-especial-em-sp-cantando-guerra-de-troia-em-sua-volta-a-elite.ghtm>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

<sup>3</sup> LANDWEHR, C. E. et al. A taxonomy of computer program security flaws. **ACM Computing Surveys**, v. 26, n. 3, 1994, p. 6.

<sup>4</sup> TRÓIA. Direção: Wolfgang Petersen, Roteiro de David Benioff. Produção: Warner Bros. Pictures, 2004. 1 DVD (163 min.).

cinematográfica dos acontecimentos descritos na *Ilíada* movimentou a quantia de \$497,409,852, e obteve um lucro de mais de 320 milhões de dólares<sup>5</sup>.

Antes que seja possível uma crítica das influências culturais do Brasil, se faz necessário um reconhecimento das influências por si próprias, tendo em vista que

(...) a sociedade brasileira tem sido caracterizada como patriarcal, hierarquizada, fundada em relações pessoais e de compadrio, além de muito ancorada nos sentimentos e sensibilidades religiosas. Tudo isso, segundo os estudiosos do Brasil, não pode ser entendido sem um conhecimento de primeira mão da Antiguidade e da Idade Média.<sup>6</sup>

Assim, a pesquisa desenvolvida assume sua importância ao se inserir no conjunto de produções acadêmicas que contribuem para a ampliação do horizonte cultural a respeito de temáticas que envolvam o estudo de um tópico específico dentro da área da História Antiga: a análise do Catálogo Troiano, presente no II canto *Ilíada* homérica, sendo esta realizada por meio de um estudo quantitativo e qualitativo da relação entre os líderes de contingente ali apresentados e o conceito de “bela-morte” como consolidador da identidade heroica clássica. O trabalho produzido tem sua justificativa no fato de se inserir na área dos estudos dos catálogos homéricos – que por si só possui pouca produção em língua portuguesa –, que quando aliado a realização de uma análise das mortes heroicas que utilize métodos quantitativos, apresenta o seu ineditismo acadêmico.

A fonte escolhida para a realização da pesquisa em questão é a própria *Ilíada*, de Homero, mais especificamente, a tradução realizada por Frederico Maria Bio Lourenço<sup>7</sup>. A *Ilíada*\* é um poema épico em verso hexâmetro datílico, que “(...) consiste em um verso de seis pés, cada qual representando um dáctilo que, por sua vez, diz respeito a cada sequência de três sílabas poéticas, a saber: a primeira longa e as seguintes breves.”<sup>8</sup>. Assim, nos 15.693 versos que o compõem, o poema

<sup>5</sup> TRÓIA, **IMDb**, 2004. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0332452/>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

<sup>6</sup> FUNARI, P.P. A relevância da Antiguidade e da Idade Média para a universidade e a sociedade brasileiras. In: LIMA, M.P.; MUNIZ, M.R.C.; CAVICCHIOLI, M.R. **Tempo, história e ficção**: ensaios sobre a Antiguidade e a Idade Média. 1ª ed. Salvador: Quarteto. 2014, p.168.

<sup>7</sup> HOMERO, **Ilíada**. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras; Penguin Books, 1ª ed., 2013.

\* Por uma questão de comodidade, as próximas referências feitas à *Ilíada* terão uma supressão do nome do autor e da obra, indicando somente o canto e verso em que se localizam.

<sup>8</sup> SILVA, Marco A. L. . A existência efêmera à luz de Mimnermo de Cólofon. **REVISTA ESTÉTICA E SEMIÓTICA** , v. 6, 2016, p. 44.

escrito em grego clássico, fala sobre heróis e deuses, utilizando para isso de uma métrica baseada em combinações específicas de sílabas longas e curtas<sup>9</sup>.

Se a importância e a valorização da *Iliada* é um consenso dentro e fora do campo acadêmico, não é possível fazer a mesma afirmação sobre o processo pelo qual se realizou a produção da obra tradicionalmente creditada a Homero. Aquelas que convencionamos denominar “Questão” ou “Questões Homéricas” englobam toda uma área de pesquisa e debate interdisciplinar sobre uma multiplicidade de temas que surgem motivados pelas limitadas informações que possuímos sobre o processo de concepção da poesia<sup>10</sup>. Ainda que o estudo das Questões Homéricas não seja o foco da pesquisa desenvolvida, se faz necessário o reforço da existência das interpolações, uma vez que interferem em tópicos como a autoria, a datação, método e localização geográfica da obra analisada.

Entre as produções acadêmicas que tem o canto II da *Iliada* como objeto de análise, alguns tópicos de pesquisa ainda não possuem uma teoria capaz de esclarecer as dúvidas que fomentam as “Questões Homéricas”. Especificamente sobre o segundo canto, temos o material produzido por Courtney Evans e Ben Jasnow, apresentando uma perspectiva que busca compreender os catálogos a partir da disposição geoespacial das cidades referenciadas. Segundo os autores, os padrões encontrados refletem itinerários da antiguidade, seguindo uma sequência lógica que auxiliaria na memorização<sup>11</sup>. A ideia de encarar a descrição das cidades presentes nos catálogos como um “mnemônico espacial” pertencente a Jenny Strauss Clay, e é aplicada tanto ao Catálogo das Naus quanto ao Catálogo Troiano. Em sua obra, o autor afirma que

Outras evidências de uma espécie de mnemônico espacial foram reconhecidas no Catálogo das Naus, que forma um itinerário, ou mais precisamente, três itinerários distintos que cobrem boa parte da Grécia. Para nossos propósitos, o catálogo dos troianos e seus aliados, embora carente de detalhes e conteúdo mitológico, é de igual interesse. Pois depois do que parece ser uma volta circular ao redor do Trôade, a enumeração dos contingentes aliados forma quatro raios que emanam de Tróia e terminam nos pontos mais distantes de Ílion. Embora escasso em detalhes,

---

<sup>9</sup> ROCHA, Roosevelt. Como Ler as Epopeias: Entre Textos Primários, Edições e Traduções. In: SANTOS, Dominique. **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. 1ª. ed. Blumenau: EDIFURB, 2014. p. 29-42.

<sup>10</sup> NAGY, Gregory. **Questões Homéricas**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2021. e FOWLER, R. L.. Introduction. In: **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 220 - 232.

<sup>11</sup> EVANS; C.; JASNOW, B..*Mapping Homer's Catalogue of Ships*. In: **Literary and Linguistic Computing**, vol. 29, 2014, p. 317–325.

especialmente a leste, essa configuração também constrói quatro itinerários diferentes pela Ásia Menor.<sup>12</sup>

Assim, os catálogos presentes na *Ilíada* não seriam produções necessariamente homéricas, mas, provavelmente, os conhecimentos sobre a geografia do mundo grego e seus personagens mitológicos seriam frutos de narrativas anteriores à epopeia homérica. Esse pensamento está em congruência com H.T. Wade-Gery<sup>13</sup>, que propõe considerarmos o catálogo como uma produção anterior a *Ilíada* – provavelmente de uma expedição contra Tróia, que tenha sua origem na cidade de Áulis –, a partir do qual as adaptações de Homero seriam projetadas para incluir o catálogo no poema, e não uma criação específica para a *Ilíada*. Richard Hope Simpson<sup>14</sup>, ao fazer um estudo das produções voltadas para a análise dos catálogos, aproxima-se das ideias de Wade-Gary, reforçando que essas informações contidas neste estilo específico de lista seriam oriundas de uma narrativa mitológica anterior a *Ilíada* e perdida para nós. Em contrapartida, ainda em sua obra, Hope Simpson opõe-se a ideia de Felix Jacoby, que propõe a existência de trechos que deveriam ser suprimidos durante a leitura para ser possível um contato puro com os escritos de Homero, uma vez que credita alguns versos a um suposto cataloguista. Page é outro autor contraposto, pois assume a teoria de Felix Jacoby como uma opção plausível de leitura, o que é inviável segundo as concepções Hope Simpson.

É dentro dessas “Questões Homéricas” que o trabalho desenvolvido se insere, realizando a análise do Catálogo Troiano, visando identificar o destino dos heróis nele nomeados, considerando o tema da mortandade em toda *Ilíada*. Sem possuir a pretensão de solucionar a “Questão Homérica” destacada, o trabalho visa fornecer uma base quantitativa e qualitativa sobre a morte iliádica e contribuir para os estudos sobre os catálogos homéricos.

---

<sup>12</sup> Texto original: “Further evidence for a kind of spatial mnemonics has been recognized in the *Catalogue of Ships*, which forms an itinerary, or more accurately, three distinct itineraries that cover a good part of Greece. For our purposes, the catalogue of Trojans and their allies, although lacking in detail and mythological content, is of equal interest. For after what appears to be a circular tour around the Troad, the enumeration of the allied contingents forms four spokes that emanate from Troy and end at points most distant from Ilium. While sparse on particulars, especially to the east, this configuration likewise constructs four different itineraries through Asia Minor.”. CLAY, J.S. *Homer's Trojan Theater*. In: ***Transactions of the American Philological Association***. vol. 137, nº. 2, 2007. p.249.

<sup>13</sup> WADE-GERY, H.T.. **The poet of the Iliad**. Cambridge University Press. 1952. p. 49-83.

<sup>14</sup> HOPE SIMPSON, R.; J.F. Lazenby. *The Homeric Catalogue of Ships and its dramatic context in the Iliad*. In: HOPE SIMPSON, R.; J.F. Lazenby. ***The Catalogue of the Ships in Homer's Iliad***. 1970. p. 39 - 44.

A *Ilíada* fala sobre batalhas e relações interpessoais que fazem referência à sociedade helênica do Período Homérico (XII - VIII a.C.), mesmo que a obra tenha a sua provável data de fixação em uma forma escrita somente no Período Arcaico (entre os séculos IX e VIII a.C.)<sup>15</sup>, ao ponto que a edição atualmente utilizada remonta à estabelecida por Aristarco de Samotrácia (cerca de 216-145 a.C.)<sup>16</sup>. Grande parte das dúvidas encontradas se dão pelo fato da obra homérica ser oriunda da tradição oral grega, a qual possui como uma de suas características a mutabilidade da narrativa ao longo do tempo e dos espaços em que era inserida, apresentando a possível alteração dos acontecimentos e das estruturas<sup>17</sup>.

A produção de um projeto de pesquisa que utilize da análise de um banco de dados para a realização de extrapolações de cunho qualitativo é mais comum em áreas das Ciências Exatas e da Natureza, ainda que também detenha sua viabilidade em projetos das Ciências Humanas. Visando apresentar um modo de se relacionar com a História e as informações geradas pelas relações humanas, Tiago Gil apresenta a possibilidade da aplicação de análises quantitativas na realização de pesquisas em História, afirmando que:

Um banco de dados é quase uma forma de narrativa histórica. Ele obedece, perfeita ou imperfeitamente, aos preceitos e às concepções de mundo (e, dentro desses, das opiniões sobre o problema de pesquisa) do pesquisador. A primeira posição teórica é acreditar que seja possível reduzir a complexidade do social a ponto de fazê-la caber na forma de registros de uma tabela, tal como os historiadores acreditam ser possível fazer nas linhas de um texto.<sup>18</sup>

Aliado a essa perspectiva quantitativa da História, na qual foi realizada a elaboração dos critérios de análise e tabulação dos dados, o estudo se desenvolveu baseado na História Cultural. Conforme Roger Chartier expressa na obra “O Mundo como representação”, ocorre um deslocamento da abordagem social da história para uma abordagem cultural da história, que incorpora para si técnicas de análise pertencentes a outras disciplinas. Além disso, ainda segundo o autor francês:

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (...) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.

<sup>15</sup> BOWRA. C.M.. *Obstacles and Difficulties*. In: **Homer**. 1972. p. 51 - 53.

<sup>16</sup> JÁCOME NETO, Félix . A arte de Homero e o historiador: observações introdutórias. **ROMANITAS - REVISTA DE ESTUDOS GRECOLATINOS** , v. 2, 2013. p. 198.

<sup>17</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. Tradução: ANGÉLICA J.. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2006.

<sup>18</sup> GIL, T. L. . **Como se faz um banco de dados (em história)**. 1ª ed. Porto Alegre: Ladeira Livros, v.1. 2015. p. 11.

É seguindo tanto a ideia de análise quantitativa em História, de GII, quanto a noção de representação, de Chartier, que ocorreu o desenvolvimento da pesquisa. Consoante com esses dois autores, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa do “Catálogo Troiano”, adotando como critério a morte heroica ao longo da Ilíada.

Os catálogos são estruturas narrativas que atuam para, sequencialmente, apresentarem uma quantidade significativa de informações que, ao serem dispostas de forma similar, obtêm uma conexão entre si, de modo que Charles Rowan Beye afirma que “Todos compartilham da qualidade essencial de uma lista, ou seja, informações isoladas que ganham uma modesta coerência ou unidade pelo simples fato de justaposição.”<sup>19</sup>. Na Ilíada, os catálogos de maior destaque são aqueles destinados à apresentação dos contingentes ali presentes e seus respectivos líderes, compondo o que conhecemos como Catálogo das Naus – sobre as tropas aqueias – e Catálogo Troiano – sobre a união de tropas que compõem a aliança troiana.

A morte heroica assume uma posição central para o trabalho, uma vez que a pesquisa é constituída por uma análise das mortes na Ilíada. Na pesquisa desenvolvida, a relevância da morte é ainda maior por fazer parte da experiência de vida enfrentada pelos heróis estudados. Para a realização do projeto, torna-se incontornável a ideia de “bela morte”, presente na obra “Bela morte e o cadáver ultrajado”, de Jean Pierre-Vernant<sup>20</sup>, que é, de forma incontestada, a principal obra para o estudo da importância e do significado dessa forma específica de relação entre indivíduos e a luta contra a efemeridade humana. Complementarmente a ele, Gregory Nagy contribua com o debate com a obra “O Herói Épico”<sup>21</sup>, ao abordar os heróis e as relações com o eterno e a mortalidade. As duas ideias serão devidamente desenvolvidas no primeiro capítulo do trabalho.

<sup>19</sup> Texto original: “*They all share in the essential quality of a list, namely, isolated pieces of information that gain a modest coherence or unity by the simple fact of juxtaposition.*”. BEYE, Charles Rowan. *Homeric Battle Narrative and Catalogues*. In: **Harvard Studies in Classical Philology**, vol. 68. 1964, p. 345.

<sup>20</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **A bela morte e o cadáver ultrajado**. Discurso, 1978.

<sup>21</sup> NAGY, Gregory. **O Herói Épico**. Trad. NETO, Félix Jácome. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37492412/O\\_Her%C3%B3i\\_%C3%89pico\\_Gregory\\_Nagy\\_tradu%C3%A7%C3%A3o\\_F%C3%A9lix\\_J%C3%A1come\\_](https://www.academia.edu/37492412/O_Her%C3%B3i_%C3%89pico_Gregory_Nagy_tradu%C3%A7%C3%A3o_F%C3%A9lix_J%C3%A1come_)>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Ainda que a ideia da bela morte vernantiana seja necessária para a realização do projeto, ao realizarmos a revisão bibliográfica, torna-se notável que esta não é uma visão unânime, tendo como contraponto a perspectiva de Teodoro Rennó Assunção, presente na obra “Nota crítica à bela morte vernantiana”<sup>22</sup>, na qual o autor brasileiro utiliza uma perspectiva que se diferencia de Vernant ao propor que a ação fornecedora de glória é encontrada no ato de matar, e não no de morrer em combate. Uma excelente análise sobre as duas percepções a respeito da morte heroica na *Ilíada* é encontrada na obra “A bela morte e o belo morto: duas visões acerca da morte em Homero”<sup>23</sup> apresentando momentos em que as duas concepções se fazem presentes, de formas não necessariamente exclusivas, e, vez ou outra, complementares.

Assim, levando em consideração os pontos que foram levantados, o objetivo central da pesquisa encontra-se na investigação da relação entre a descrição dos líderes de contingente presentes no Catálogo Troiano iliádico e as ações deles em situações que envolvem combates fatais ao longo do poema. Para tal, também foi realizada a análise do Catálogo das Naus – presente no mesmo canto da epopeia –, e da participação dos outros heróis introduzidos ao longo da obra, visando a comparação dos relatos.

Considerando as problemáticas expostas, os objetivos específicos desta pesquisa são:

- 1 – Analisar a distribuição da morte heroica iliádica ao longo dos cantos e entre os contingentes;
- 2 – Comparar o impacto bélico dos personagens heroicos apresentados no Catálogo Troiano com o dos outros personagens não-líderes de contingente da aliança troiana introduzidos ao longo do épico;
- 3 – Analisar a importância dos líderes de contingente apresentados no Catálogo Troiano comparativamente àqueles apresentados no Catálogo das Naus;
- 4 – Analisar o canto II da *Ilíada* como um prelúdio da importância dos personagens heroicos descritos como líderes de contingente no Catálogo Troiano.

<sup>22</sup> ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica à bela morte vernantiana. *Clássica*, São Paulo, v. 7/8, 1994/1995, p. 56-62.

<sup>23</sup> SOUSA, Renata Cardoso de ; SILVA, B. M da . A bela morte e o belo morto: duas visões acerca da morte em Homero. In: **XX Ciclo de Debates em História Antiga** - Unidade & Diversidade, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos - Ciclo de Debates em História Antiga. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 6. 2012. p. 128-135.

Para que os objetivos sejam atingidos, as tabulações produzidas foram divididas em seis tipos, cada uma delas com seus propósitos específicos. A primeira é a tabulação da morte heroica ao longo da Ilíada. Assim, individualmente, foram produzidas 24 tabulações – uma para cada canto –, tendo como critérios 1) a presença de uma morte que detenha a sua possibilidade de identificação do canto em que ocorre, o que exclui mortes anteriores aos dias de luta e as que são somente aludidas, mas que não possuem uma descrição localizada na obra; 2) uma alusão direta a quantidade de mortes, descrita pela numeração ou nome dos mortos em combate; 3) o nome dos envolvidos na morte ativa (matando) e/ou passivamente (sendo morto). A indicação do primeiro grau genealógico foi realizada em todos os casos em que o poeta fornece tal informação.

A partir dos dados gerados, a segunda tabulação atua como uma unificação da primeira, uma vez que fornece a possibilidade de comparação entre os cantos e, mais especificamente, a análise das particularidades da aliança troiana e das tropas aqueias. Torna-se possível a percepção sobre a dispersão das mortes ao longo da obra e os momentos em que não existem confrontos fatais, assim como também dos pontos de maior belicosidade resultantes em mortes.

Uma terceira tabulação foi realizada para a identificação dos líderes de contingente da aliança troiana, explicitando as regiões sob sua regência e a quantidade de mortes que eles individualmente e enquanto região proporcionaram, tal como o seu impacto individual na totalidade das mortes aqueias. Além disso, é complementado pela condição final do herói dentro da obra e, caso este seja morto, o nome do herói que o matou. A quarta tabulação corresponde a uma produção similar, contando somente com a alteração do objeto de estudo que deixa de ser os líderes de contingentes da aliança troiana e passa para os não-líderes de contingente aliança troiana, os quais, no trabalho, serão identificados apenas como heróis não-líderes.

A quinta e a sexta tabulações recortam todos os envolvimento bélicos dos personagens pertencentes à aliança troiana que resultem em mortes, divididas apenas entre aquelas ocasionadas pelos líderes e as geradas pelos não-líderes. Elas acabam destacando tanto os heróis mortos por membros da aliança quanto nomeado os algozes dos defensores de Ílion.

É a partir das seis tabulações descritas que os dados foram gerados e tornou-se possível a análise das mortes iliádicas. As informações permitem

reorganizações e seleções específicas de heróis e suas respectivas participações em embates bélicos resultantes em fatalidades.

O presente trabalho é estruturado e dividido em cinco capítulos. O primeiro deles aborda uma análise dos conceitos-chave para o estudo dos catálogos homéricos: o épico como gênero, o herói clássico e a “bela-morte”. Nele serão abordadas as dificuldades de definição conceitual da epopeia; as diferenças entre o herói épico clássico e o herói contemporâneo; e, a definição da “bela-morte”.

O segundo, por sua vez, é destinado à exposição e análise dos dados gerados pela tabulação das mortes iliádicas, partindo de um ponto de vista mais geral, objetivando entender questões de proporcionalidade dos contingentes presentes, assim como a distribuição das mortes ao longo dos cantos. Já o terceiro capítulo visa analisar e comparar as contribuições bélicas dos líderes de contingente das tropas pertencentes à aliança troiana e os heróis não-líderes que também atuam em defesa de Ílion, colocando à prova a correlação entre posição hierárquica e efetividade em combate.

O quarto capítulo destina-se a abordagem do Catálogo Troiano em comparação com o Catálogo das Naus, analisando as diferenças entre as duas descrições de contingentes. Posteriormente, considerando os dados examinados, foi realizada a investigação sobre a possibilidade de conceber o Catálogo Troiano como um prelúdio do destaque bélico fornecido aos heróis descritos nele. O último capítulo compõe uma conclusão sobre as informações e resultados obtidos durante o trabalho.

## 1 - A OBRA, OS PERSONAGENS E O OBJETO DE ANÁLISE

Pelo fato de o projeto utilizar o Catálogo Troiano, presente no II canto da *Ilíada*, como fonte dos critérios quantitativos para a análise da morte heroica na obra, a leitura e apropriação do poema homérico, conjuntamente com a tabulação das informações previamente delimitadas, constituem a base sobre a qual a pesquisa foi realizada. Para a elaboração dos critérios selecionados com o intuito de analisar a fonte, fez-se necessário uma apropriação da fonte, uma vez que

É preciso saber o modo como a fonte foi construída, seu público, seus autores, seus limites, seus objetivos e que interesses agiram para que aquele documento chegasse àquela forma (que finalmente teve mas que diferentes projetos desejavam alterar).<sup>24</sup>

Reconhecer a agência e a temporalidade do autor/leitor e do leitor/autor é tão fundamental quanto a fonte, pois

Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação.<sup>25</sup>

Assim, é válido ressaltar que a base teórica que possibilitou o estudo do Catálogo Troiano divide-se em três pontos centrais: a obra, enquanto epopeia; os personagens, enquanto heróis; e, a morte, enquanto objeto de análise. É somente após a compreensão de cada um deles separadamente e da observação da sua correlação, que se faz possível a análise dos dados tabulados.

### 1.1- Epopeia

Iniciando pela Poesia Épica, também chamada de Epopeia, o conceito pode ser concebido como um gênero literário que detém as suas particularidades em formato, conteúdo, tamanho, estilo e temática. Ainda assim, não existe um consenso capaz de abarcar todas as obras compreendidas como epopeias. Angélica Soares destina um capítulo para a conceitualização do gênero épico, no qual realiza uma definição abrangente da ideia analisada. Em suas palavras,

Sendo a epopeia uma longa narrativa literária de caráter heróico, grandioso e de interesse nacional e social, ela apresenta, juntamente com todos os

<sup>24</sup> GIL, T. L. . 2015. p. 18.

<sup>25</sup> CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, vol. 11 nº 5. 1991, p.178-179.

elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), uma atmosfera maravilhosa que, em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa (como as canções de gesta medievais) ou em verso (como *Os Lusíadas*).<sup>26</sup>

Se por um lado Soares permite uma primeira compreensão geral do tópico que está sendo tratado, as suas limitações se encontram justamente pela generalização que realiza para encaixar todas as expressões da poesia épica em uma única definição. Um fator que dificulta o processo de conceitualização é a ausência de uma fonte que possa ser considerada o exemplo ideal de epopeia, a partir da qual fosse possível uma análise comparativa que apresentasse as discrepâncias e similaridades entre as produções pertencentes ao gênero.

Uma contrapartida ao realizado por Soares pode ser encontrada na exposição sobre as diferentes formas de conceitualização do épico realizada por John Miles Foley<sup>27</sup>. O autor, inicialmente, demonstra as dificuldades de formular o conceito de epopeia quando esta é idealizada a partir de uma comparação das obras homéricas com outros épicos ao redor do mundo; e, a partir disso, adotando outra abordagem, apresenta o estudo dos épicos não-homéricos como uma possibilidade de análise comparativa que forneça respostas sobre as epopeias gregas. Desta forma, ele não busca adequar o mundo à realidade homérica, mas sim, obter novas fontes que ampliem os estudos sobre a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Outro compêndio sobre o tema é encontrado no livro “*Epic and History*”, realizado por Konstan e Raaflaub. Nele, Amir Gilan compreende o conceito de forma relacional, uma vez que, segundo ele, “(...) a definição do que exatamente qualifica uma narrativa como épica é essencialmente êmica e determinada por contextos históricos e culturais.”<sup>28</sup>. Essa definição do conceito não o torna dispensável, mas evidencia os seus limites sem impedir os estudos que o utilizem. Susana Torres Prieto reconhece os limites de uma possível definição, afirmando apenas que o gênero possuiria uma expressão frequente na qual “‘épico’ é um tipo de composição que, na maioria das vezes, lida com mitos fundadores ou nacionais.”<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 23-70.

<sup>27</sup> FOLEY, J.M.. *Epic as genre*. In: FOWLER, R. L.. **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 171 - 187.

<sup>28</sup> Texto original: “(...) *the definition of what exactly qualifies a narrative to be epic is essentially emic and determined by historical and cultural contexts*.”. GILAN, Amir. *Epic and History in Hittite Anatolia: In Search of a Local Hero*. In: KONSTAN, D.; RAAFLAUB, K.A. (Orgs.). **Epic and History**. Blackwell Publishing, 2010. p.51.

<sup>29</sup> Texto original: “(...) *“epic” is a type of composition which, more often than not, deals with foundational or national myths*.”. TORRES PRIETO, Susana. *Slavic Epic: Past Tales and Present*

Gregory Nagy realizou um estudo sobre o épico grego, localizando historicamente o seu surgimento nas *Panateneias* – festivais da cidade de Atena em homenagem à deusa Atenas – do período arcaico, e constatando a alteração do significado ainda dentro do Período Clássico. Para o autor húngaro

(...) o critério de completude épica varia consoante a época: da noção arcaica do Ciclo épico para a noção do período clássico de Homero enquanto tragediógrafo. Aquilo que permanece invariável, contudo, é o contexto institucional básico no qual a própria ideia de completude épica adquire forma: este contexto é o festival. No caso da épica apresentada em Atenas, o contexto permaneceu sendo o festival das Panateneias. Em sua fase arcaica, para reiterar, as Panateneias continham o Ciclo épico, incluindo o repertório do que conhecemos como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero. Na sua fase clássica, este mesmo festival continha apenas a *Ilíada* e a *Odisseia*, excluindo do seu programa o Ciclo épico.<sup>30</sup>

Especificamente sobre a *Ilíada*, a obra assume um papel de destaque ainda maior por ser não somente uma produção anterior a *Odisseia*, mas por ser considerada o épico heroico mais antigo de toda literatura ocidental<sup>31</sup>.

Desta forma, a generalização conceitual de epopeia deve ser compreendida como uma ação de intuito didático que reconheça a seu objeto de análise e seus limites. Em todos os outros momentos, mesmo identificando o compartilhamento de características comuns, as poesias épicas devem ser analisadas em suas particularidades. Assim, estudando a produção homérica; e, mais especificamente, a *Ilíada*; no trabalho em questão, o conceito de epopeia ou poesia épica foi tratado como um gênero literário marcado pela representação de um passado histórico ou mítico<sup>32</sup>, na qual ocorre uma sobreposição entre os limites do real e do mitológico, permitindo uma aproximação dos universos humano e divino, e a existência de indivíduos detentores de características que transitam entre os dois, tal como é o caso dos heróis.

## 1.2 - Herói

A ascensão dos filmes hollywoodianos com temáticas que incluem personagens identificáveis como heróis, fez com que o conceito assumisse

*Myths*. In: KONSTAN, D.; RAAFLAUB, K.A. (Orgs.). *Epic and History*. Blackwell Publishing, 2010. p.223.

<sup>30</sup>NAGY. 2017. p. 29.

<sup>31</sup>CRESPO GÜEMES, Emilio. *La actualidad de la Ilíada: de la poesía oral a internet*. **Letras Clássicas**. Madrid. v. 5. 2001. p. 29.

<sup>32</sup>POMPEU, A. M. C. ; Araújo, O.L. . Os gêneros lírico, épico e dramático. In: Álisson Hudson Veras Lima; Marilde Alves da Silva; Vanessa Silva Almeida. (Org.). **A literatura na teoria e na prática**. 1ed.São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 1. 34-45.

popularidade e que emergisse uma compreensão do seu significado divergente daquele utilizado pelos gregos da antiguidade. Um primeiro passo para ser possível uma diferenciação entre as duas concepções é identificar os conceitos como resultados de processos socioculturais com temporalidades específicas.<sup>33</sup>

Atualmente, a concepção popular de herói abrange os indivíduos que atuam pela pró-sociabilidade<sup>34</sup>, mesmo que isso não lhe gere nenhum tipo de retorno. Deste modo, os heróis seriam aqueles que agem deliberadamente em favor do coletivo, mesmo que para isso seja necessário pôr a própria vida em segundo plano. Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), a palavra "herói" tem seu significado ligado a um indivíduo extraordinário que expressa seu valor por meio dos feitos guerreiros, ocupando um lugar de centralidade, tanto das atenções quanto da sua posição em obras literárias<sup>35</sup>. Quando especifica a utilização do conceito no âmbito mitológico, este é acrescido de um determinante: a sua posição enquanto semideus. Esta concepção é mais próxima da versão grega do que a popular e, dentro de suas limitações, permite uma primeira compreensão sintética do conceito.

Antes de um aprofundamento, é necessário evidenciar a existência de um consenso a respeito do uso de "herói épico" como correlato de *hemítheos*, "semideus", tal como foi abordado durante a realização deste trabalho. Tendo isso em mente, as descrições de Jean-Pierre Vernant e Gregory Nagy fornecem as bases sólidas para uma maior precisão conceitual. Iniciando por Vernant, em sua obra "Mito e religião na Grécia Antiga", principalmente no sub-capítulo "Os semideuses", nos é fornecida uma definição direta sobre a ideia de herói épico, ainda que não se proponha a realizar uma análise do conceito. Para ele

O caso dos heróis é totalmente diverso. É certo que eles pertencem à espécie dos homens e, como tais, conheceram os sofrimentos e a morte. Mas, por toda uma série de traços, distinguem-se, até na morte, da multidão dos defuntos comuns. Viveram numa época que constitui, para os gregos, o "antigo tempo" já acabado e no qual os homens eram diferentes daquilo que são hoje: maiores, mais fortes, mais belos.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> TELLES, V. ; VALLE, C. F. R. . O mito do conceito de herói. **Revista do ISAT** , v. 7, 2009. p. 10-17.

<sup>34</sup> SANTOS, ISABELLA SILVA ; PIMENTEL, CARLOS EDUARDO ; VENÂNCIO DE VASCONCELOS, MARIA HELENA ; PEREIRA DA SILVA JUNIOR, ROBINSON PIERRE ; BARROS DE ABREU, AMANDA. Com Grandes Poderes Vem- O Que? Super-Heróis, Agressividade e Pró-Sociabilidade em Adolescentes. **Revista de Psicologia da IMED** , v. 10, 2018. p. 54-70.

<sup>35</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A, 1986.

<sup>36</sup> VERNANT. 2006. p.47.

Desta forma, os heróis constituem uma espécie de indivíduos que excedem a própria existência humana, mas que, ao mesmo tempo, jamais serão capazes de libertarem-se da mortalidade fornecida por sua ascendência parte humana. Assim, para Jean Pierre-Vernant, o conceito heroico se encontra em uma situação em que “Sem preencher a intransponível distância que separa os humanos dos deuses, o estatuto heroico, desse modo, parece abrir a perspectiva da promoção de um mortal a um estatuto, se não divino, pelo menos próximo do divino.”<sup>37</sup>. Existe um afrouxamento dos limites que prendem o indivíduo às amarras da decrepitude humana, mas sem que se permita, a esse mesmo indivíduo, deixar de carregar, do início ao fim de sua breve existência, o pesado fado dos grilhões da mortalidade.

Por sua vez, Gregory Nagy realiza outra abordagem do tema buscando analisar comparativamente a concepção de herói épico utilizando obras pertencentes a epopeias. Em seu livro “*O Herói Épico*”, tomando as produções homéricas como foco, principalmente no capítulo “O herói como *hemitheos* ‘semi-deus’”, afirma que:

Embora o termo *hemitheos* seja vinculado com a poesia não-homérica, a ideia de *hemitheos* como “semideus” está disseminada na poesia homérica. Os heróis épicos desta poesia podem ser definidos como mortais de um passado remoto, homens ou mulheres, que são dotados de poderes sobre-humanos porque eles são descendentes dos próprios deuses imortais.<sup>38</sup>

Assim, esses homens que transbordam em excelência teriam o seu pertencimento a uma época que não existe mais, justificada por um afastamento entre os deuses – que até então andavam entre os homens – e a própria humanidade. Essa posição entra em congruência com a sucessão das raças humanas<sup>39</sup>, a partir da qual Emily Kearns argumenta que “(...) os heróis do épico eram homens de outra época, privilegiados para manter a conversa com os deuses a uma distância muito menor ou um nível muito mais quase igual do que é possível para nós agora.”<sup>40</sup>.

A experiência heroica é marcada pela *areté*, a excelência guerreira, mas não se restringe aos dotes bélicos dos indivíduos. Francisco Murari faz uma análise da expressão heroica tomando como base *Ájax Telarmónio* e a disputa pelas armas de

<sup>37</sup> VERNANT. 2006.. p. 48.

<sup>38</sup> NAGY. 2017. p. 48.

<sup>39</sup> Ver HESÍODO. **Trabalhos e dias**. v. 157.

<sup>40</sup> Texto original: “(...) *the heroes of the epic were men of another age, privileged to hold converse with Gods at a much lesser distance or a much more nearly equal level than is possible for us now.*”. KEARNS, Emily. *The Gods in the Homeric Epics*. In: FOWLER, R. L.. **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 64.

Aquiles, descritas no ciclo épico da guerra de Tróia<sup>41</sup>. O autor apresenta como o símbolo da expressão heroica iliádica transita entre os personagens, iniciando com Aquiles, transferindo-se para Ajax – quando o mirmidão se ausenta do combate –, retornando para Aquiles – com sua fúria em combate por conta da morte de Pátroclo –, e terminando com Odisseu que, mesmo reconhecidamente um ótimo guerreiro, apresenta a sua excelência por meio de sua *métis*, a astúcia, ao idealizar a invasão dos muros de Ílion utilizando o cavalo de Tróia. Assim, Murari defende que: "Qualificações de melhor e primeiro definem a excepcionalidade da excelência, da *areté*, de sua dignidade guerreira."<sup>42</sup>, colocando o herói como o indivíduo que se distingue por ser o melhor.

Se a *areté* marca a experiência heroica, a *hybris*, compreendida como desmedida, também é uma constante para os homens que se aproximam da existência divina. Quando expostos aos confrontos bélicos, a falta de controle da agressividade e do poderio gerados pelo ardor da batalha podem transformar as mesmas qualidades que constituem a *areté* heroica na *ate*, a cegueira da fúria que leva a morte do guerreiro. Falando sobre a *ate*, Vania Maria Moragas Ferreira argumenta que "(...) a vontade do herói torna-se a medida de todas as coisas e esse modo de ver faz com que o herói, diante da indignação e da desonra, tome atitudes extremas, insensatas e inconsequentes sem perceber que a *areté* dá lugar à *ate*."<sup>43</sup>, constituindo a presença do herói como uma variável com a potencialidade de ser um baluarte ou causa da ruína de seus aliados. Essa mutabilidade do herói que abandona o seu autocontrole e assume a inflamação desmedida apresenta como "(...) o guerreiro furioso está posicionado entre dois extremos, (...) pode ser articulado tanto como uma aspiração impossível para a glória divina ou como uma descida para a fúria imprudente e autodestrutiva de um animal carnívoro"<sup>44</sup>, o que, em ambos os casos, representa uma transgressão na relação com o divino, tanto por tentar se igualar aos deuses quanto por assumir a posição bestial representada pela ingestão de alimentos crus<sup>45</sup>.

<sup>41</sup> PIRES, F. Murari ; A Areté Heróica e A Guerra de Tróia: O Melhor dos Aqueus. **Clássica**. São Paulo, v. 9/10, nº. 9/10, 1996. p. 145-162.

<sup>42</sup> Ibid. p. 153.

<sup>43</sup> FERREIRA, Vania Maria Moragas. O Herói Iliádico e a Questão da Euforia Guerreira. **Antiguidade Clássica** (Apucarama), v. 02, 2008. p. 71.

<sup>44</sup> Texto original: "(...) in this sense the raging warrior is poised between two extremes, (...) can be articulated either as an impossible aspiration to divine glory or as a descent towards the reckless and self-destructive fury of a flesh-eating animal." CLARKE, Michael. *Manhood and heroism*. In: FOWLER, R. L.. **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 81.

<sup>45</sup> Ver VERNANT. 2006. p. 75-81.

Se a descendência meio humana meio divina é uma característica que configura a existência heroica, a divisão dos progenitores chama atenção pela tendência a um padrão específico do gênero de cada uma das partes. O herói grego tem, em sua maioria, a parte divina oriunda de seu pai, enquanto a sua humanidade é uma consequência da mortalidade de sua mãe. Isso não é uma exigência da experiência heroica, tendo em vista que Aquiles – o principal herói da Ilíada e referência de existência heroica – é filho de Tétis e Peleu, o que subverte essa lógica, mas acaba atuando como uma exceção que comprova a regra. A justificativa para essa configuração dos papéis de gênero pode ser compreendida como um reflexo das relações encontradas na sociedade grega. A geração da prole heroica seria concebida como um duplo processo de subjugação: de um lado o deus que impõe seu desejo sobre a humanidade, do outro o homem que domina a mulher; o que faz com que a subversão desta ordem, tida como natural, coloque ou uma deusa em posição de condescendência para com um mortal, ou um homem em posição de subalternidade para com uma mulher.<sup>46</sup>

Resumidamente, podemos entender como “heróis épicos”, a raça de homens e mulheres que detenham a sua ascendência dividida entre um humano e um ser divino, vivendo em um momento que antecede a separação entre os dois universos, e que tinham no cotidiano um maior compartilhamento da companhia de mortais e eternos. Essa prole, por consequência de sua “mestiçagem”, seria agraciada com a excelência, mas fadada a mortalidade, gerando uma posição de admiração entre os humanos e de pena entre as divindades.

### **1.3 - Bela Morte**

Mas se a morte é um fim inevitável mesmo a esses humanos marcados pela excelência, ela não assim o é sem enfrentar resistência e oposição. Os heróis épicos, longe de se resignarem com a brevidade da vida humana, utilizam-na para atingir uma experiência que possa lhes fornecer eternidade, nos permitindo dizer que “[...] a constatação da brevidade e instabilidade da vida não leva à conclusão de

---

<sup>46</sup> KEARNS. 2006. p. 66.

que os homens devam dedicar-se aos prazeres possíveis – para Aquiles, à consciência de que sua vida será breve impõe a busca da glória, da *timé*.<sup>47</sup>

A morte heroica assume uma posição central para o trabalho, uma vez que a pesquisa é constituída por uma análise das mortes na Ilíada, na qual esse momento detém um papel de relevância ainda maior por fazer parte da experiência de vida enfrentada pelos heróis estudados. O principal conceito para a realização do projeto é o de “bela morte”, tendo em vista que, dentro da poesia épica, ele é intrínseco à compreensão da vida heroica narrada nas produções dessa tradição literária. A “Bela morte e o cadáver ultrajado”, de Jean Pierre-Vernant (1978), é a principal obra para o estudo da importância e do significado dessa forma específica de relação entre indivíduos e a efemeridade humana. Ainda que Gregory Nagy contribua com o debate afirmando que “Dizer que os *hemitheoi* são mortais não significa afirmar que os heróis não se tornam imortais: eles se tornam, mas apenas após terem experimentado a morte.”<sup>48</sup>; sintetizando a ideia de bela morte como a expressão de uma forma socialmente valorizada de conclusão da excepcionalidade heroica, capaz de transgredir a mortalidade humana enquanto fator que nos separa dos divinos; a concepção adotada é a de Jean Pierre-Vernant. Tal como propõe o autor francês:

Ultrapassa-se a morte acolhendo-a em vez de a sofrer, tornando-a a aposta constante de uma vida que toma, assim, valor exemplar e que os homens celebrarão como um modelo de ‘glória imorredoura’.<sup>49</sup>

Essa glória, almejada pelos heróis épicos, corresponde a um duplo processo de validação: por um lado *kudos* – a glória fornecida pelos deuses e que infla o herói em batalha – e por outro, *kléos* – a glória imortal fornecida pelos aedos que cantam sobre os feitos dos grandes homens.<sup>50</sup> Então, somente com a combinação das duas expressões da glória, provando-se em combate e sendo fonte de admiração na posteridade que o herói atinge a preservação de sua juventude imorredoura, abdicando de seu corpo para ficar eterno na memória das gerações vindouras.

A bela morte não transforma os heróis em deuses, mas reforça, no momento de seu exício, a condição sobre-humana que lhe foi concedida por sua descendência meio-divina. Em sua morte, o herói gera uma subversão de sua própria existência: é a morte que o faz apresentar sua faceta mais humana, ao

<sup>47</sup> ACHCAR, Francisco. **Lírica e Lugar-comum**. Alguns temas de Horácio e sua presença em português. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994. p. 66.

<sup>48</sup> NAGY, Gregory. 2017. p. 51.

<sup>49</sup> VERNANT, 1978. p. 40.

<sup>50</sup> AZEVEDO, Cristiane A. de. A kléos heroica como mecanismo de individuação do homem grego. **Hypnos**, nº 27, São Paulo, 2011. p. 330.

mesmo tempo que é ela que lhe concede a sua experiência mais próxima da eternidade.

Em Homero, Sarpédon é o responsável por apresentar ao público a dinâmica heroica sob à qual ele próprio está submetido. No canto XII (v.310-321), ao dialogar com Glauco, o filho de Evandro evidencia a relação intrínseca do indivíduo com a coletividade:

- 310 Glauco, por que razão nós dois somos os mais honrados  
com lugar de honra, carnes e taças repletas até a borda  
na Lícia, e todos nos miram como se fôssemos deuses?  
Somos proprietários de um grande terreno nas margens do Xanto,  
belo terreno de pomares e de searas dadoras de trigo.
- 315 Por isso é nossa obrigação colocarmo-nos entre os dianteiros  
dos Lícios para enfrentarmos a batalha flamejante,  
para que assim diga algum dos Lícios de robustas couraças:  
'ignominiosos não são os nossos reis que governam  
a Lícia, eles que comem as gordas ovelhas e bebem
- 320 vinho seleteo, doce como mel; pois sua força é também  
excelente, visto que combatem entre os dianteiros dos Lícios.<sup>51</sup>

Assim, correspondendo a um processo de validação e inspiração, na qual o indivíduo justifica a posição de liderança e prestígio que ocupa. Os heróis homéricos não podem agir de outra maneira, pois é justamente por meio de sua ação que se faz viável atingir o objetivo metafísico. A bela morte não pode ser concebida do ponto de vista individual. Em conformidade ao afirmado por Clark, devemos considerar que: "(...) a força motriz por trás da masculinidade é a necessidade de elogio e admiração, que permitirão enfrentar a morte com equanimidade e ver que a morte de um soldado na guerra não é necessariamente pior do que a desgraça."<sup>52</sup>

Se toda essa coragem, excelência e ocupação de posições de vanguarda existe pela necessidade de validação e perpetuação, Sarpédon conclui seu argumento afirmando que negaria a vida belicosa se lhe fosse dada a eternidade:

- Meu amigo, se tendo fugido desta guerra pudéssemos  
viver para sempre isentos de velhice e imortais,  
nem eu próprio combateria entre os dianteiros
- 325 nem te mandaria a ti para a refrega glorificadora de homens.  
Mas agora, dado que presidem os incontáveis destinos  
da morte de que nenhum homem pode fugir ou escapar,  
avancemos, quer outorguemos glória a outro, ou ele a nós."<sup>53</sup>

<sup>51</sup> XII, v. 310-321.

<sup>52</sup> Texto original: "*the driving force behind manhood is the need for praise and admiration, such as will enable one to face death with equanimity and to see that a soldier's death in war is not necessarily worse than disgrace.*". CLARKE. 2006. p. 78.

<sup>53</sup> XII, v. 322-328.

O campo de batalha corresponde a um meio, e não a um fim. Os confrontos e mortes fazem parte do cotidiano heroico clássico e fundamentam a organização social grega descrita por Homero. O reconhecimento da velhice e da mortalidade humana não torna o herói homérico passivo perante a vida, pelo contrário, motivam-no a agir em busca de glória<sup>54</sup>. Aquiles, ao falar com Tétis, logo após ser humilhado por Agamêmnon no canto I, reforça essa situação em que a honra atua como paliativa na impossibilidade da imortalidade:

352 Mãe, já que me deste à luz para uma vida tão curta,  
honra deveria o Olímpio ter me concedido,  
Zeus que tremeja nas alturas. Mas agora em nada me honrou.<sup>55</sup>

Sarpédon não fala somente que, caso obtivesse a juventude imorredoura, iria se retirar das refregas; ele afirma que não mandaria os homens para a batalha em busca de glória, correspondendo a uma ruptura com toda a lógica guerreira apresentada por Homero e vivida por esses heróis. Ao invés da construção do indivíduo pelo coletivo, teríamos uma atomização social e o fim da coletividade. Isto ocorre de tal modo que:

Fama é o único fim do herói, mas uma fama que a própria mortalidade torna imperativa. Assim, o herói será o exemplo a imitar pelo homem comum, não pela sua superação divina, mas porque é verdadeiramente excesso de humanidade.<sup>56</sup>

Se a fama é o objetivo heroico, a posição que o poeta épico ocupa é a de fornecedor de eternidade. É através das palavras por ele ditas e/ou escritas que a trajetória heroica encontra seu significado.

É pela relação intrínseca entre a bela morte e a concretude da experiência heroica épica que a pesquisa elaborada se debruçou sobre o estudo da morte ao longo do poema. A escolha dos catálogos como recorte é justamente para analisar a ação dos líderes de contingente, que no caso da *Ilíada* não correspondiam a heróis normais, mas heróis que lideravam outros heróis. O foco no Catálogo Troiano, por sua vez, é selecionado, especificamente, por serem os habitantes de Ílion e seus aliados os indivíduos que, na obra, em maior quantidade, experimentam a morte em combate e, ao serem retratados por Homero, completam a experiência heroica por meio da preservação de seus nomes e histórias.

<sup>54</sup> Ver SILVA. 2016, p. 43-50.

<sup>55</sup> I, v. 352-354.

<sup>56</sup> DIOGO, João Emanuel. Cartografia da Humanidade: o corpo em Homero. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 24. nº. 48. 2015.

## 2 - OS HOMENS, AS MORTES E OS NÚMEROS

A *Ilíada* é uma obra que, em seus 24 cantos, nos conta uma história entrelaçada por múltiplos agentes: Aquiles, representando a fúria de um herói humilhado; Menelau, com o desejo de vingança de um marido traído; Páris e Helena, sofrendo as consequências da quebra das relações de hospedagem; Agamêmnon, motivado pela ganância do líder regente de homens; Heitor, com a honra e o peso de ser a esperança de um povo; a relação entre aqueus e troianos, transformando a cidade e os campos ao redor de Ílion em um espaço de cerco e confronto; e, o contato entre deuses e homens, apresentando uma relação de contrastante entre os universos eterno e efêmero, evidenciando uma proximidade do divino com os humanos, ao mesmo tempo que separam a experiência daqueles agraciados pela juventude eterna, daqueles fadados à decrepitude. Mesmo podendo ser lida de todas as formas citadas, o embate bélico entre aqueus e a aliança troiana é um fator constante e destacado por Homero. Seguindo o critério previamente descrito na introdução, a realização da tabulação dos dados sobre a morte iliádica não irá considerar todas as mortes presentes na *Ilíada*, mas sim somente aquelas que sejam úteis para a análise. Retomando brevemente, os critérios podem ser sintetizados na viabilidade de: definição da temporalidade dos fatos; nomeação dos agentes e das quantidades de fatalidades heroicas.

A segunda tabulação sobre a obra é a totalidade das mortes enquadradas nos critérios elegidos. Por meio dos dados, podemos identificar o quão sanguinária é a poesia homérica estudada. Em seus 24 cantos, temos 326 exemplos de mortes geradas como resultado do confronto entre heróis que compunham as tropas aqueias e aqueles que lutavam em defesa de Ílion, o que significaria dizer que Homero descreve, em média, uma representação de embate fatal a cada 48,14 versos, considerando os 15.693 que compõem a *Ilíada*, ou 15,58 a cada canto.

Um ponto a se destacar, é a dispersão destas mortes. Inicialmente, algo que se torna visível é a existência de 7 cantos que não possuem nenhuma morte, representando uma epopeia destinada à perpetuação do estilo de vida heroico com quase um terço dos cantos não apresentando o meio possibilitante de obtenção do objetivo consolidador da experiência heroica: a morte em batalha. Os três primeiros cantos sem mortes (I, II e III) correspondem ao período que antecede o reinício da

refrega no último ano de guerra, narrando o confronto e a desonra que levarão Aquiles a manter os seus homens, e a si próprio, momentaneamente, longe do campo de batalha; e, também, a fracassada tentativa de resolver a guerra com um duelo entre Páris e Menelau. O quarto canto sem mortes é o IX, ocorrendo pela chegada da noite e o foco da narrativa em destacar o desejo de persuadir o filho de Peleu a retornar para a guerra após os resultados negativos dos cantos anteriores. Por sua vez, o quinto e o sexto são os cantos XVIII e XIX, nos quais Aquiles descobre a morte de Pátroclo, o que leva a uma situação de cólera e culpa, culminando em sua preparação para o regresso à contenda. O último canto sem mortes é o XXIV, explicado pelo fim das lutas no canto XXII, quando ocorre a morte de Heitor e uma queda simbólica de Ílion; posteriormente, contendo apenas os 12 sacrifícios que Aquiles realiza em homenagem a Pátroclo, no canto XXIII, e reservando o final da Ilíada para o resgate do corpo de Heitor.

Já quando analisamos os cantos com maior mortandade heroica, quatro deles assumem uma posição de destaque. Em ordem cronológica, o canto V, com suas 39 mortes, é segundo a conter registros de fatalidades, mas se descola totalmente da média e do único exemplo de canto belicoso apresentado até então, o canto IV, com suas 7 mortes. Em parte, a grande quantidade de mortes se justifica por ser um canto destinado à descrição do combate após os acontecimentos do canto IV, mas também é inegável o impacto da interferência divina encabeçada por Atena – no lado aqueu – e Ares – no lado troiano –, que forneceram o *kudos*, a glória divina que guia o herói<sup>57</sup>, permitindo que eles expressassem a sua excelência, tal como ocorre com Diomedes e Heitor, ao longo do canto V. Por sua vez, o segundo canto a se destacar é o XI, contando com 36 mortes distribuídas em blocos. Esses blocos correspondem à ação de heróis na realização de sequências de mortes e suas respectivas retiradas do campo de batalha. Inicia-se com a vantagem aqueia pelas mãos de Agamêmnon; seguida de uma reversão para o lado troiano quando o Atrida se retira da refrega para defender as naus, o que permite que Heitor se destaque e mate múltiplos aqueus até se ferir e ter que, ele também, retirar-se da batalha. Sem o baluarte troiano, Diomedes e Ulisses se sucedem como proeminentes agentes da morte até serem golpeados e forçados a se afastar do campo de batalha. Por último, Ajax Telamônio apresenta seu destaque até ter o medo inserido em seu peito por Zeus, forçando com que recue, ainda que permaneça combatendo. O canto XV, por

---

<sup>57</sup> AZEVEDO. 2011. p. 330.

sua vez, apresenta Apolo fornecendo *kudos* a Heitor, estimulado por Zeus, que acorda e ameaça Hera visando reverter o que ela e Poseidon fizeram nos contos anteriores. É sob a liderança de Heitor que os troianos avançam sobre os rivais e os pressionam em suas naus, forçando o recuo das tropas aqueias, contidas apenas por Ajax, representando a excelência guerreira de forma defensiva<sup>58</sup>, impedindo a completa destruição das embarcações, cumprindo o seu papel de melhor dos aqueus na ausência de Aquiles. O mais mortífero dos cantos, contando com 86 mortes – o que representa mais do que 5 vezes a média – é justificado por dois atores principais: Pátroclo e Euforbo. O filho de Menécio, contém 54 mortes no único canto em que se coloca em confronto com os aqueus, representando um duplo Aquiles e simulando a presença do Pelida na refrega. Desse número total, 27 são indivíduos nomeados, enquanto os outros 27 são anônimos, descritos apenas pela indicação de que “com gritos medonhos; três vezes matou nove homens”<sup>59</sup>. Faz-se interessante a relação numérica existente, pois se os anônimos mortos são apresentados como múltiplos de nove, ao mesmo tempo, as mortes nomeadas também possuem uma organização narrativa em que 18 das 27 mortes ocorrem em blocos de nove indivíduos, restando o último terço como 9 mortes dispersas ao longo do canto. Do lado troiano, Euforbo apresenta as suas 20 mortes de forma anônima, nos permitindo apenas saber que “Já vinte homens ele atirara ao chão de seus carros”<sup>60</sup>.

Longe de manter uma constância na distribuição das mortes, o que se percebe é a ausência de qualquer tipo de padrão que não seja uma correspondência direta com os fatos narrados na obra. Os períodos sem fatalidades se justificam pela apresentação de uma narrativa de situações que não tem o combate como foco, constituindo-se de momentos resultantes da preparação ou resolução de embates. Já aqueles marcados pelo morticínio são diretamente ligados com a expressão da *areté* heroica, concentrando as mortes nas mãos de poucos indivíduos, que em sua maioria sofrem com a interferência divina nos confrontos humanos, seja motivando as tropas sob seu apoio, ou inserindo glória, ou medo nos heróis em batalha.

Quando analisamos os números de mortes aqueias e troianas, faz-se necessário a compreensão da proporcionalidade dos heróis ali presentes. Mesmo

---

<sup>58</sup> PIRES. 1996. p. 145-162.

<sup>59</sup> XVI, v. 785.

<sup>60</sup> XVI, v. 810.

não sendo viável uma definição precisa dos números, Agamêmnon fornece uma ideia da quantidade sobre a qual podemos realizar o estudo. No canto II, o Atrida diz

120 Pois esta é uma vergonha de que ouvirão falar os vindouros:  
que deste modo, em vão, uma hoste tão numerosa e valorosa  
de Aqueus uma guerra guerreou escusada e lutou contra homens  
em menor número, sem que por fim se visse qualquer finalidade.  
Se na verdade quiséssemos — tanto Aqueus como Troianos —  
125 celebrar leais juramentos para contarmos ambos os lados,  
e se se reunissem os Troianos, tantos quantos habitam seus lares,  
e se nós Aqueus nos organizássemos em grupos de dez  
e se cada grupo escolhesse um Troiano como escanção,  
muitos grupos de dez não teriam quem lhes vertesse o vinho!  
130 Desta maneira afirmo eu que os filhos dos Aqueus excedem  
em número os Troianos, que habitam a cidade. Mas existem  
aliados de muitas cidades, homens que arremessam lanças,  
que me impedem e não permitem a mim, que tanto quero,  
saquear a cidade bem habitada de Ílion.<sup>61</sup>

Desta forma, os números troianos representariam menos de 1/10 das tropas aqueias, resistindo às tentativas de conquista de Ílion por conta do auxílio dos guerreiros aliados. A importância numérica da aliança troiana se evidencia pelo fato de 252 das 326 mortes totais – o que representa 77,3% – serem de heróis pertencentes aos defensores de Ílion, enquanto do outro lado temos apenas 74 outras mortes – ou 22,7%. Assim, mesmo não sendo possível especificarmos os números presentes, para que a guerra prosseguisse seria necessária uma quantidade expressiva de aliados troianos para compensar a comprovada efetividade aqueia em combate. O que se percebe é justamente o oposto disto, uma vez que Homero nos relata que

55 Por seu lado se armaram os Troianos na cidade;  
eram em menor número, mas ávidos de combater na luta<sup>62</sup>

E também no canto XV, quando fiz

405 Levaram-no seus pés, depois que assim disse. Porém os Aqueus  
aguentaram firmes a arremetida dos Troianos, mas não lograram  
repele-los das naus, embora fossem em menor número.<sup>63</sup>

Se na totalidade de homens e mortes causadas os aqueus se sobressaem à aliança troiana, quando analisamos canto a canto, a situação de dominância fica ainda mais evidente e preponderante. Desconsiderando os 7 cantos sem mortes, nos 17 restantes, o que se apresentam são 16 cantos em que a relação entre perdas e ganhos é positiva para os aqueus; enquanto somente o canto VII é vantajoso para

<sup>61</sup> II, v. 119 - 133.

<sup>62</sup> VIII, v. 55 - 56.

<sup>63</sup> XV, v. 405 - 407.

os troianos, sendo ainda menos impactante por se tratar de apenas 3 mortes aqueias para nenhuma dos aliados.

A narrativa não é congruente com os números. O canto VIII, por exemplo, apresenta o sucesso troiano em pressionar os aqueus contra as naus, contando com o apoio de Zeus no início e no final do canto. Ainda assim, os feitos registrados no canto são dos aqueus, concentrando-se justamente quando Zeus muda de lado após o choro e a súplica de Agamêmnon. Quando Zeus retorna a apoiar os troianos, Homero nos fala somente que:

341 assim Heitor pressionava os Aqueus de longos cabelos,  
matando quem ficava para trás. Eles fugiam, desbaratados.<sup>64</sup>

O canto XV é outro exemplo da vitória que não se converte em descrição de mortes, pois mesmo com Zeus inflando Heitor para o retorno ao combate, e a própria recuperação e presença do filho de Príamo em campo de batalha inspirando as tropas troianas que passam o fosso em frente ao muro aqueu e, mais uma vez, quase obtêm sucesso na tentativa de pôr fogo nas naus ali presentes, não temos os feitos do herói correspondendo a nomeação das vidas que ele tirou. No canto em questão, Homero fornece uma ideia de guerra como troca de vidas quando diz que:

315 Mas os Argivos, cerrados, não arredaram pé; e agudo surgiu  
o grito de guerra de ambas as partes. Dos entalhos voaram  
as flechas. Muitas eram as lanças atiradas por mãos audazes:  
umas fixavam-se na carne de mancebos prestos no combate;  
mas muitas ficavam a meio, antes de penetrarem carne branca,  
espetadas na terra, ávidas de se fartarem de carne humana.<sup>65</sup>

Esses versos nos dão os indícios da habilidade guerreira troiana, mas não permite que sejam tabulados. Mais do que isso, Homero não imortaliza o nome destes heróis que; embora ali presentes e vivenciando a experiência heroica tal como ela foi idealizada; jamais receberão a contrapartida por sua presença e morte honrosa em campo de batalha.

Assim, um fator que justificaria o equilíbrio e até mesmo a ofensiva troiana, pode ser visto pela apresentação da narrativa em uma perspectiva aqueia do conflito, na qual uma parte significativa dos acontecimentos bélicos troianos acontecem em segundo plano ou sem uma descrição precisa por parte do poeta. O oposto é visto com os aqueus, em relação aos quais existe um cuidado em explicitar as quantidades e os agentes envolvidos nas mortes descritas. Se não fosse assim, o

---

<sup>64</sup> VIII, v. 341 - 342.

<sup>65</sup> XV, v. 312 - 317.

desespero de Agamêmnon e as ofertas realizadas para o retorno de Aquiles, no canto VIII, não possuiriam sentido narrativo, tendo em vista a vantagem numérica de mortes descritas em favor dos aqueus; o que se explica justamente pelos momentos em que Homero indica a vantagem troiana, mesmo que isso não resulte em números explícitos.

### 3 - OS LÍDERES DE CONTINGENTE E OS OUTROS HERÓIS DA ALIANÇA TROIANA

#### 3.1 - Os líderes de contingente da Aliança Troiana

Nos campos de batalha descritos na *Ilíada* – que se estendem desde a frente dos muros da cidade até a praia onde se encontram atracadas as naus oriundas de múltiplos lugares do mundo helênico –, não encontramos somente os heróis da cidade de Príamo lutando por suas posses e suas famílias, mas sim, um conglomerado de contingentes heroicos agindo com o objetivo final de impedir que as tropas aqueias consigam realizar o saque de Ílion. Se Homero reforça a menor quantidade de tropas troianas em relação aqueias, também expressa a influência dos outros contingentes heroicos presentes na composição da aliança troiana.

Pela própria organização das naus, existia uma facilidade de percorrer e descrever quais tropas chegaram até as praias próximas de Ílion para compor o contingente aqueu. Não podendo fazer o mesmo com as tropas pertencentes a aliança troiana, tendo em vista que a sua presença não se dava no mar, mas sim pela atuação na cidade e ao redor dela, para detalhar os líderes de contingente e os seus respectivos locais de origem, Homero utiliza uma *teichoskopia*<sup>66</sup> – descrição apresentada pelo orador que o coloca observando a partir de uma muralha. Conforme descrito do verso 811 até o 815 do canto II:

Ora existe uma íngreme elevação defronte da cidade,  
lá longe na planície, com espaço desafogado em toda a volta,  
a que os homens dão o nome de Batieia,  
mas a que os deuses dão o nome de Túmulo da Agilíssima Mirina.  
815 Foi aí que os Troianos e os aliados separaram as tropas.<sup>67</sup>

É no canto II da *Ilíada*, mais precisamente nos 62 versos que se estendem do 816 ao 877, que Homero se propõe a nomear os 16 contingentes que fazem parte da aliança troiana, citando quem são e a origem dos 27 líderes responsáveis pela defesa da cidade de Ílion. Os contingentes pertencentes a aliança troiana são\*:

- 1) Troiano, liderado por Heitor;
- 2) Dardânio, liderado por Eneias, Arquéloco e

<sup>66</sup> POSTLETHWAITE, N. “*The Duel of Paris and Menelaos and the Teichoskopia in Iliad 3.*” *Antichthon*. vol. 19. 1985. 4-5.

<sup>67</sup> III v. 811-815.

\* As nomenclaturas dos contingentes são uma tradução da utilizada em KIRK, G. S.. *The Iliad: A Commentary*, vol. I. Cambridge: Cambridge University Press.1985.

Acamas (ou Acamante); 3) Zeleio; liderado por Pândaro; 4) Adrastiano, liderado por Adrasto e Ânfito; 5) Percotiano, liderado por Ásio; 6) Pelasgo, liderado por Hipótoo e Pileu; 7) Trácio, liderado por Acamas (ou Acamante) e Píroo (ou Piro); 8) Cícone, liderado por Eufemo; 9) Peônio, liderado por Pirecmes; 10) Paflagônio, liderado por Pilémenes; 11) Halizona, liderado por Ódio e Epístrofo; 12) Mísio, liderado por Crómis e Ênomo; 13) Frígio, liderado por Fórcis e Ascânio; 14) Meônio, liderado por Mestles e Ânfito; 15) Cário, liderado por Anfímaco e Nastes; e 16) Lídio, liderado por Sarpédon e Glauco.

Iniciar o Catálogo Troiano com a apresentação de Heitor como o líder de contingente dos troianos faz sentido pela posição de destaque que o herói desenvolve ao longo da epopeia, atuando como o baluarte de Ílion. Se compararmos com o Catálogo das Naus, o primeiro contingente a ser apresentado é o dos beócios, o que faz pouco sentido quando analisamos o restante da narrativa contida na *Ilíada*. Estudos recentes como o desenvolvido por Courtney Evans e Ben Jasnow colocam o contingente beócio como oriundo de uma tradição anterior a *Ilíada*, provavelmente referente aos acontecimentos presentes no ciclo tebano. Os autores perceberam e descreveram como a apresentação da obra literária possui uma correlação direta com a disposição geográfica delas, principalmente quando concebidas como uma *teichoskopia*, explicando também a ausência da principal cidade beócia no Catálogo das Naus, visto que o narrador estaria falando a posição das demais regiões a partir dos muros de Tebas<sup>68</sup>.

As apresentações que sucedem a de Heitor são as dos contingentes Dardânio, Zeleio e Adrastiano e Percotiano. Thomas D. Seymour<sup>69</sup> utiliza uma classificação que permite conceber as 4 tropas como uma extensão do contingente troiano; o que coloca os próprios heróis como pertencentes, não à cidade de Ílion, mas à região da Tróade. Os outros agrupamentos realizados de acordo com os locais de origem são utilizados para definir a classificação de Trácios, Cícones e Peônios como aliados europeus; enquanto os 8 restantes são enquadrados como aliados asiáticos.

Uma breve análise do Catálogo Troiano em relação à *Ilíada* explicita alguns pontos que levantam dúvidas sobre a obra. Alguns exemplos são encontrados com a apresentação de líderes de contingentes que não constavam no catálogo, tal como é

<sup>68</sup> EVANS; C.; JASNOW, B.. 2014, p. 317–325.

<sup>69</sup> SEYMOUR, Thomas D.. ***Homer's Iliad, Books I-III***. Ginn and Company. 1891.

o caso do de Astoropeu, o qual Homero descreve como “comandante dos Peônio com suas lanças compridas”<sup>70</sup>, e o caso de Mentos, em que Apolo se apresenta transfigurado no herói: “assemelhando-se a Mentos, comandante dos Cícones”<sup>71</sup>. Outra questão existente é sobre o destino de Pilémines. No canto XIII, o líder panflagônio aparece retirando seu filho do campo de batalha, sendo dito que “Com eles seguiu o pai, lavado em lágrimas.”<sup>72</sup>; o que só não seria um problema se o herói não estivesse morto desde o canto V<sup>73</sup>.

As apresentações de Ênomo e Nastes correspondem a uma situação própria que interfere na tabulação dos dados. Na descrição dos dois heróis nos é informado que o destino deles é morrer nas mãos de Aquiles durante o canto XXI, no qual o líder dos mirmidões adentra o rio Xanto e chacina os heróis da aliança troiana. Por conta disso, a condição final dos dois heróis é a de mortos, mas eles não podem ser contabilizados no número de mortes totais pelo fato de não se encaixarem nos critérios adotados, uma vez que em nenhum momento do canto XXI Homero faz alguma referência direta a morte dos heróis em questão.

Conjuntamente a Nastes; Pileu, Eufemo, Epístrofo, Ântifo e Anfíimaco compartilham uma característica em comum: estes heróis citados no Catálogo Troiano, têm nele o seu único momento de participação na Ilíada. Tais personagens não voltam a ser referenciados nem em situações que envolvam embates fatais nem em outros de qualquer tipo. Considerando o caso do contingente Cário, toda participação deles se dá no catálogo e em um breve momento em que Dólón, sequestrado, conta a Ulisses sobre a disposição das tropas troianas e acaba por referir-se a existência deste contingente<sup>74</sup>. Os Cícones, por sua vez, só apresentam alguma relevância bélica por conta da já citada adição de um novo líder de contingente no decorrer da obra.

Falando mais especificamente sobre a relevância bélica, partindo das 74 mortes creditadas a heróis pertencentes a aliança troiana, o que se percebe é uma concentração das mortes nas mãos de indivíduos da região da Trôade, enquanto os demais envolvidos tem uma importância baixíssima ou nula. A soma das mortes causadas por líderes de contingentes da aliança correspondem a 40, o que

---

<sup>70</sup> XXI v. 115.

<sup>71</sup> XVII v. 73.

<sup>72</sup> XIII v. 658.

<sup>73</sup> V. v. 576.

<sup>74</sup> X v. 428.

representa 54,05% do total de mortes contra aqueus. Porém, Heitor sozinho é responsável por 28 mortes, ou 70% de todas as mortes de líderes de contingente. Além do filho de Príamo, somente outros 5 líderes contribuem para a somatória das mortes, sendo eles: Eneias, com 6; Sarpédon e Glauco, com 2 cada; e, Acamas (Dardânio) e Píroo, com 1 cada. Assim, temos um total de 77,77% dos heróis apresentados como líderes de contingente, mas que não contribuem de forma ativa para o número de mortes causadas pela aliança troiana, deixando toda a responsabilidade sobre os outros 22,23%.

Ao mesmo tempo em que os dados fornecem uma percepção que estimula reconhecer a efetividade bélica dos líderes de contingente troiano, eles também revelam a fundamentalidade de Heitor como baluarte e esperança de Ílion. Considerando que em 14 dos 24 cantos iliádicos nenhum troiano aparece matando heróis aqueus, a análise dos sucessos bélicos dos defensores de Tróia se reduz a 10 cantos. Nesses, Heitor aparece em 7, sendo o maior responsável por fatalidades aqueias em 4, se igualando a outros heróis em 1, e assumindo uma posição secundária em 2.

Se considerarmos as tropas dos troianos e dardânios como pertencentes a uma aliança anterior à guerra, muito provavelmente oriunda da relação sanguínea desses povos – ao ponto de Heitor e Eneias serem primos –, o impacto bélico dos heróis da Tróade é de 87,5% da totalidade das mortes causadas por líderes de contingente da aliança troiana. Fora dessas origens, somente os Lícios possuem algum destaque bélico – contribuindo com 10% das mortes –, o que é refletido pelo desenvolvimento de Glauco e Sarpédon ao longo da Ilíada.

Quando o objeto de análise é alterado para a morte dos líderes de contingente, os resultados apresentam uma realidade completamente diferente da encontrada enquanto esses heróis eram compreendidos como agentes ativos – aqueles que matam. Se desconsiderarmos os 6 heróis apresentados por Homero no Catálogo Troiano, mas que não retornam no decorrer da Ilíada, os outros 21 líderes de contingente compartilham de uma alta taxa de mortandade, atingindo a casa dos 76,2%. Somente 5 heróis são reintroduzidos na obra sem ter como destino uma descrição de morte, sendo eles: Eneias, Crômis, Ascânio, Mestles e Glauco.

A sobreposição entre mortos em combate e a efetividade bélica da aliança troiana evidencia ainda mais a posição secundária da maior parte dos líderes de contingente. Desse grupo de heróis, temos informação da morte de 17 deles, com

as ressalvas já apresentadas para os casos de Nastes – que é dito morrer, mas que não retorna na obra – e de Ênomo – que é dito morrer, mas Homero não tem sua morte apresentada. Considerando os 15 que tem sua morte apresentada em algum momento da obra, apenas 4 deles produzem algum impacto bélico, enquanto os outros 11 aparecem na obra unicamente para serem mortos.

Quando analisamos a mortandade dos líderes de contingente que saíram vitoriosos de embates bélicos resultantes em fatalidades, o que se percebe é um alto índice de vitimados em combate. Dos 6 heróis líderes de contingente que se enquadram neste critério, apenas Eneias e Glauco não são mortos durante a obra, representando uma mortandade de 66,66%. Comparativamente, os líderes de contingente da aliança troiana sem efetividade bélica possuem uma mortandade de 61,9%. Apenas 8 dos 21 descritos não morrem ao longo da obra, o que se intensifica quando excluímos os 5 que aparecem unicamente durante o Catálogo Troiano – considerando a descrição da morte de Nastes –, resultando em uma mortandade de 85,7%. Assim, não se faz perceptível uma diferença significativa entre os valores de mortandade dos dois grupos analisados. Ambos, em algum momento da obra, tendem a ser utilizados como agentes passivos do embate, resultando na finalização de suas experiência heroica.

Se pelo lado lógico, a aliança faz todo o sentido bélico. Do ponto de vista prático, ela não apresenta resultados que a justifiquem. Se recai sobre Heitor a função de resguardar as muralhas de Ílion, enquanto vivo, o herói troiano cumpre o seu papel com maestria. A grande necessidade de mobilização de povos da Europa e da Ásia para compor os números de tropas capazes de impedir os anseios aqueus não refletem as descrições fornecidas por Homero. A presença de líderes de contingente da própria Tróade é muito mais impactante do que a praticamente nula contribuição dos outros povos – salvo os Lícios. Esses líderes que deveriam ser os heróis de maior excelência bélica, justificando seu posto por suas ações em combate, em sua grande maioria, não o fazem. Enquanto 6 heróis são responsáveis pela totalidade das mortes aqueias, 18 estão presentes apenas no Catálogo Troiano ou só contribuem na guerra com a perda da própria vida; restando aos outros 3 citados vivos não realizarem nenhuma prática digna de nota.

### 3. 2 - Os heróis não-líderes da Aliança Troiana

Inicialmente, aparenta ser uma dedução lógica que ao subtrairmos as 40 mortes ocasionados por líderes de contingentes das 74 mortes totais, obteremos 34 como o número de óbitos ocasionados pelos heróis da aliança apresentados como não-líderes. Entretanto, uma dessas fatalidades belicosas apresenta uma peculiaridade: a morte de Perifante. Se, até então, o canto V da *Ilíada* nos descrevia a presença de Ares conjuntamente com Heitor – a exemplo dos versos 704 e 705 –, entre os versos 842 e 844, Homero descreve Ares rompendo com uma relação metafísica, apresentando-se enquanto um indivíduo em campo de batalha. Não como Atenas, quando aparece segurando os cabelos de Aquiles e só o herói pode vê-la; não como um sinal por meio dos raios e águias de Zeus; não como a bruma de Afrodite que cerca e protege Páris; mas sim por meio da presença física do deus da guerra. O mundo heroico possibilita essa realidade por ser marcado pela proximidade entre humanos e divinos, característica de um período mitológico concebido como anterior ao período histórico em que a obra é realizada. Em congruência, Antônio Lopes propõe que a diferença temporal entre

“(…) o mito, o conto popular e a lenda favorizariam a proximidade entre homem e deus, inclusive a proximidade física; a epopeia tenderia a ressaltar a separação e a distância, remetendo as narrativas da convivialidade entre homens e deuses a um passado remoto e acentuando o paralelismo entre os dois gêneros.<sup>75</sup>

Assim, a morte de Perifante pelas mãos de Ares está presente na tabulação realizada, mas não é contabilizada na análise dos números sobre a totalidade das mortes ocasionadas pelos heróis da aliança troiana não-líderes de contingente, uma vez que a morte cumpre os critérios adotados, mas não pode ser enquadrada como pertencente a divisão entre líderes e não-líderes. Outro fator é encontrado na impossibilidade de delimitar o agente ativo na separação entre aqueus e aliança troiana, já que o personagem é um deus.

Realizada a explicação, o total de mortes pertencentes a aliança troiana fica definido como 33. Como o critério adotado para a análise possui uma relação direta com a morte iliádica, não é uma pretensão do trabalho em questão estudar todos os heróis apresentados, mas sim, aqueles que correspondam ao objetivo da pesquisa. Tendo isso em mente, não foram abordados os heróis sem relevância bélica na obra.

---

<sup>75</sup> LOPES, A. O. O. D. . A imagem dos deuses nos poemas homéricos. *Artefilosofia* (UFOP) , v. 14, 2013. p. 97.

De tal forma, ao falarmos da aliança troiana, 8 são os heróis que não estão presentes no Catálogo Troiano, mas que assumem um papel de destaque, sendo eles: Agenor, Ântifo, Alexandre (ou Páris), Deífobo, Heleno, Polidamante, Polites e Euforbo. Com a exceção das já abordadas mortes ocasionadas por líderes de contingente e a excepcional ação de Ares, todas as outras mortes aqueias analisadas são geradas por mãos de não-líderes troianos.

Alterando o recorte sobre o objeto analisado, ao deixarmos de observar os líderes de contingente descritos no Catálogo Troiano e focarmos no estudo dos outros heróis pertencentes à aliança apresentados ao longo da obra, torna-se perceptível a congruência narrativa da abordagem realizada por Homero. O destaque fornecido aos líderes pertencentes a Trôade, validando a expressão heroica desses indivíduos por meio da efetividade e impacto bélico, também pode ser visto nos outros heróis não-líderes que atuavam objetivando a defesa de Ílion.

O primeiro ponto que chama a atenção é a descendência desses heróis. Príamo é o principal progenitor, sendo o pai de 5 desses homens, sendo complementado por Pântoo, com 2; e, Antenor, com 1. Desta forma, todos os heróis não-líderes de contingente que obtêm sucesso em embates bélicos resultantes em fatalidades são de origem troiana, o que, conforme o que foi observado com os líderes de contingente, evidencia um destaque aos guerreiros troianos, que neste caso restringe ainda mais o que já era visto, uma vez que anteriormente abrangia o Trôade e agora é exclusivo da cidade de Ílion. Homero reforça a presença e ação da aliança troiana como complementos secundários à história narrada. Do ponto de vista bélico, a participação de tropas não-troianas serve apenas para a composição de números.

Entre os 8 heróis, Euforbo é o que possui o maior peso na guerra. Sendo o responsável por 20 mortes – representando 60,6% das ocasionadas por não-líderes –, mesmo com uma participação diminuta na obra, tendo em vista que aparece pela primeira vez no fim do canto XVI e tem sua morte no início do canto XVII, pelas mãos de Menelau; o herói atuou em um dos momentos mais importantes. Foi com a ação conjunta dele e do deus Apolo, seguida pelo golpe fatal dado por Heitor, que Pátroclo morreu e motivou o retorno de Aquiles a refrega.

Diferentemente do que foi visto com os líderes de contingente, a morte não é o destino mais comum desses heróis envolvidos em confrontos fatais. Dos 8 heróis apresentados, apenas o já citado Euforbo e Ântifo morrem em batalha. A forma mais

justa de se estabelecer uma comparação com os líderes de contingente é selecionando as informações dos não-líderes de contingente que participaram de forma ativa de ao menos um abate, tendo em vista que os heróis deste grupo que não tiveram interferência bélica ou que participaram apenas morrendo não são contemplados pelos limites da análise proposta. Assim, adotando tais critérios, os heróis da aliança troiana líderes de contingente que saíram vitoriosos de ao menos um embate, posteriormente apresentavam uma mortalidade de 66,6%, enquanto os não-líderes ficam com o valor na casa dos 25%, representando uma diferença significativa.

Em apenas 3 dos 24 cantos que compõem a *Ilíada* – com a ressalva de apenas 10 deles conterem mortes de aqueus –, a ação bélica dos não-líderes se sobressai a dos líderes de contingente. Além do canto XVI, com as 20 mortes geradas por Euforbo, os cantos IV e XIII são os outros dois que devem ser citados. Por outro lado, se incluíssemos as contribuições de Heitor por considerarmos o herói uma exceção dentro da aliança, os números apresentam outra realidade. Sem o baluarte da defesa de Ílion, os líderes de contingente só representam uma soma maior nos cantos V e XII, empatando em outros 3 e assumindo uma posição de destaque nos outros 4 restantes.

Desta forma, é possível estabelecer que o suporte bélico aos feitos de Heitor é dado, em sua maioria, não por heróis pertencentes à aliança troiana, mas sim por heróis troianos não-líderes de contingente. Mais do que a posição de destaque perante as tropas, o que Homero apresenta como belicamente efetivo é a origem dos heróis descritos.

## 4. OS HERÓIS, OS CATÁLOGOS E AS MORTES

### 4.1 Análise comparativa da relação bélica dos líderes de contingente apresentados no Catálogo Troiano e no Catálogo das Naus:

Um primeiro ponto que chama a atenção quando comparamos o Catálogo Troiano ao Catálogo das Naus é a diferença na extensão e no detalhamento dado aos contingentes. Enquanto a aliança troiana é descrita em 62 versos – tendo seu início no 816 e se estendendo até o 877 –, o autor destina 266 versos – do 494 até 759 – para a apresentação do contingente aqueu, o que representa 4,29 vezes mais para o lado que se encontra em posição ofensiva. Uma justificativa para a maior extensão é encontrada na quantidade de contingentes apresentados, opondo 29 do lado aqueu contra apenas 16 do lado troiano, ou seja, 44,8% a menos para os defensores de Ílion.

Ainda assim, somente a diferença de quantidade de contingentes não justifica a discrepância do tamanho médio de cada um deles. Enquanto cada contingente da aliança tem sua apresentação feita, em média, em 3,875 versos, em contraposição, os contingentes presentes no Catálogo das Naus utilizam 9,17. Ou seja, para falar dos aqueus, o que, em tese, seria similar ao posteriormente feito com troianos e aliados, Homero leva 54,47% mais tempo.

Uma terceira relação com o comprimento dado aos catálogos é a apresentação de uma maior quantidade de líderes de contingente. Para o caso da aliança troiana, Homero relata a existência de 27 heróis que se encaixam nesse critério, opondo-se aos 46 heróis que compõem a liderança da força aqueia. Esses valores fazem com que a quantidade de líderes do contingente aqueu sejam 41,3% maior do que os da aliança troiana. Proporcionalmente, troianos e aliados teriam 1,59 líderes por contingente, enquanto aqueus teriam um valor próximo, com 1,69.

Assim sendo, as relações numéricas da apresentação destes líderes de contingente corroboram com a perspectiva de uma valoração e desenvolvimento dos personagens aqueus em detrimento aos pertencentes a aliança troiana. Homero dedica mais tempo e identifica uma quantidade maior de heróis como parte da liderança de contingentes aqueus, e ainda o fazendo com um número maior de versos. Essa proporcionalidade é mais um fator que reforça a diferença numérica

entre a quantidade de tropas presentes e a sua distribuição entre agressores e defensores de Ílion.

Além da diferença presente na apresentação, outros pontos tornaram-se perceptíveis por meio da tabulação das informações. Por exemplo, evidencia-se que líderes de contingente aqueu são responsáveis por 170 das 252 mortes de aliados troianos, representando 67,46% das mortes totais dos defensores de Ílion, superando em mais de 13% dos líderes de contingente rivais.

Se para a aliança troiana podemos conceber Heitor como uma exceção em meio aos outros heróis, o mesmo não pode ser dito em relação aos aqueus. É necessário a soma das mortes causadas por Aquiles, Diomedes, Ajax, Ulisses e Agamêmnon – respectivamente, 36, 32, 27, 18 e 12 – para ser possível ultrapassar o valor de 70% do total de mortes causadas por líderes de contingente aqueu e, desta forma, superar a representatividade que Heitor possui para o lado troiano. Deste modo, é possível notar a distribuição da importância bélica entre os líderes de contingente aqueu, não colocando todo o destino da ofensiva em um só herói. É válido ressaltar, porém, que a ausência de Aquiles no campo de batalha viabiliza esse acontecimento. Se considerarmos que o herói mirmidão começa a atuar na refrega de forma efetiva no canto XX, o que temos é um espaço de 5 cantos – sendo o XXIV sem confrontos e o XXII destinado para a morte de Heitor – nos quais Aquiles mata 36 heróis da aliança, ou seja, 7,2 heróis por canto desde seu retorno. Outro ponto é que, após iniciar sua matança, não é encontrada nenhuma descrição de morte de heróis por mãos de outro além do próprio Aquiles. Seu retorno marca uma mudança na narrativa, deixando de ser sobre o embate entre aqueus e a aliança troiana e passando a retratar a fúria do herói mirmidão. A presença de Aquiles no combate justifica a preocupação e a ação das lideranças aqueias que visavam abrandar sua cólera e convencer o filho de Peleu a lutar novamente, tendo em vista que o herói comprova a sua excelência bélica e torna incontestes a sua posição enquanto o melhor dos aqueus.

Mas mesmo com a menor concentração das mortes entre os heróis mais destacados do Catálogo das Naus, ainda podemos ver uma situação similar à encontrada no Catálogo Troiano: os indivíduos com participação ativa nula. Dos 46 heróis apresentados, 29 não atuam em nenhum confronto bélico que resulte em uma ação na qual eles sejam compreendidos como agentes ativos da morte. Complementarmente, temos 17 heróis que conseguem contribuir ativamente para os

números aqueus. Desta forma, apenas 36,95% dos líderes de contingente aqueu atuam em mortes da aliança troiana, sendo um valor significativamente maior do que os 22,23% encontrado nos líderes das tropas defensoras de Tróia.

Quando a perspectiva é alterada e deixamos de analisar a ação ativa destes indivíduos e partimos para a sua contribuição enquanto agentes passivos, outra diferença é encontrada. A mortandade dos líderes de contingente, que no caso da aliança troiana chegava a valores na casa dos 76,2%, quando observada pela perspectiva aqueia, apresenta um número bem menos expressivo, com apenas 11 mortes – ou 23,9%.

Quando sobrepomos os líderes de contingente que participaram ativa e passivamente de embates fatais, outra discrepância é encontrada. A mortandade dos heróis da aliança troiana que se encaixam no critério estabelecido é de 66,66%, um valor alto que fica ainda mais expressivo ao identificarmos que a *Iliada* não apresenta líderes de contingente aqueu que, simultaneamente, passem pelas experiências de matarem e serem mortos em combate ao longo da obra. O que se percebe é uma divisão prática entre aqueles que irão morrer e aqueles que irão matar. Os aqueus não possuem líderes de contingente com sua força demonstradamente comprovada para que, posteriormente, sejam utilizados como meio de validar a experiência heroica de membros da aliança troiana. Essa relação possibilita propor que a existência destes dois catálogos possuem objetivos distintos.

O destaque dado à aliança troiana pode ser visto como uma forma de valorizar os aqueus que irão por fim a vida dos defensores de Ílion. Não pode ser encarado como uma coincidência que a morte de Heitor aconteça após o autor reforçar e demonstrar – por meio da efetividade bélica e de toda a atenção fornecida durante a construção da narrativa – a importância que o filho de Príamo possui. Tomando como uma expressão máxima da glória heroica, a excelência de Aquiles é exponencialmente validada pela excelência de Heitor. A existência de um grande número de líderes de contingente que aparecem unicamente para perecer por conta das ações aqueias é uma relação congruente com a valorização homérica dos heróis aqueus via morte em combate dos heróis da aliança troiana. O oposto, a ausência de líderes de contingente aqueu que sejam validados e depois apareçam perecendo perante líderes das tropas da aliança troiana é mais uma forma de reforçar a posição de destaque dada aos agressores de Ílion.

## 4.2 A relevância das mortes e seus atores

É evidente que a morte de todos os personagens iliádicos não tem o mesmo peso narrativo. Heitor é um símbolo da resistência de Ílion, enquanto a morte de Pátroclo representa uma mudança que impactará no resultado do confronto. Assim, após, conforme anteriormente demonstrado, constatar a existência de uma discrepância entre a mortandade dos líderes de contingente aqueu e da aliança troiana, este capítulo foi desenvolvido com o intuito de diferenciar a morte dos heróis presentes nos Catálogos Troiano e das Naus daqueles que estão descritos nos outros versos que compõem a obra.

Inicialmente, faz-se necessário apresentar um esclarecimento similar ao encontrado quando realizado o estudo dos líderes troianos. A apresentação posterior de Astropeu e Mentis como líderes de contingente que não aparecem no Catálogo Troiano tem seu correlato entre as lideranças aqueias. Primeiramente, Menesteu é citado no Catálogo das Naus sem que haja alguma referência a outra liderança, mas, posteriormente, Homero fala que “Em seguida, Estíquio e o divino Menesteu, comandantes dos Atenenses, levaram Antímaco para a hoste dos Aqueus.”<sup>76</sup> Já durante o canto XV, o poeta introduz uma nova liderança do contingente ateniense ao afirmar que “Quanto a Íaso, era regente dos Atenenses”<sup>77</sup>. No mesmo canto, os peônios têm um novo líder revelado, uma vez que Homero diz que “Polidamante abateu Oto, oriundo de Cilene, camarada do filho de Fileu, comandante dos magnânimos Epeios.”<sup>78</sup>. Assim, somando-se à Astropeu e Mentis, Estíquio, Íaso e Oto são heróis que, por mais que tenham uma expressão explícita a posição de liderança que ocupam, não entrarão na contagem de mortos como tal pelo fato da descrição suas posições hierárquicas serem feitas fora do objeto de estudo: o Catálogos Troiano e das Naus.

Além dos 5 heróis citados, apresentam uma situação particular todos os que foram mortos e não tiveram sequer seus nomes revelados. Temos como exemplo os 12 trácios sem nome mortos por Diomedes, no canto X<sup>79</sup>; outras 12 mortes geradas

---

<sup>76</sup> XIII. v. 195-196.

<sup>77</sup> XV. v. 337.

<sup>78</sup> XV. v. 518-519.

<sup>79</sup> X. v. 485-488.

por Ájax, no canto XV<sup>80</sup>; as 27 mortes causadas pelos avanços de Pátroclo<sup>81</sup>, seguidas pelas 20 creditadas a Euforbo, no canto XVI<sup>82</sup>; e os 12 jovens mortos por Aquiles em sacrifícios à Pátroclo, no canto XXIII<sup>83</sup>. Estas mortes se opõe a ideia vernantiana de bela-morte, uma vez que o autor fornece o destaque a quem está matando, mas omite o nome daqueles que, segundo Vernant, estariam completando a sua experiência heroica da forma mais tradicional: morrendo jovem em combate para evitar a velhice e obter a glória imorredoura por meio da memória das gerações vindouras. Desta forma, não é possível identificar quem seriam esses heróis, implicando na possibilidade de algum deles ser um líder de contingente que não pode ser contabilizado como morto.

Muito menos comum é o que encontramos no caso de Protesilau, líder de contingente aqueu. Diferentemente dos casos anteriormente estudados, o que acontece com o herói é a indicação de sua morte sem a definição de um agente ativo em específico<sup>84</sup>, o que não é uma característica comum na narrativa homérica. Mais do que isso, a morte de Protesilau é uma das não tão abundantes referências feitas aos 9 anos que antecedem a temporalidade dos fatos iliádicos, sendo retratado como o primeiro herói a morrer em combate, o que ocorre no ano um da ofensiva contra Ílion. Assim sendo, por sua morte anteceder a narrativa, o herói entra como um líder de contingente morto, mas não é encontrado na tabulação das mortes.

Feitos os esclarecimentos, iniciamos a análise pela ação ativa da aliança troiana, a qual atua em 74 mortes aqueias. Destas mortes, faz-se possível uma separação entre 11 líderes de contingente e 63 não-líderes. Retirando a exceção apresentada pelo caso de Protesilau, 10 são os líderes que computam na tabulação. Entre estes, 6 são mortos por líderes de contingente das tropas da aliança troiana, tendo como algozes Heitor, com 3; e, Eneias, Piro e Sarpédon, com 1 cada. Por sua vez, a participação dos não-líderes se dá pelas mãos de Agenor, com 2 mortes; e, Deifobo e Polidamante, com 1 cada. Retirando as já citadas 20 mortes sem indicação de nomes causadas por Euforbo, as 43 mortes restantes de não-líderes do contingente aqueu é dividida da seguinte forma: 34 causadas por líderes de

---

<sup>80</sup> XV. v. 746.

<sup>81</sup> XVI. v. 785.

<sup>82</sup> XVI. v. 810.

<sup>83</sup> XXIII. v. 175.

<sup>84</sup> II. v. 695-710.

contingente da aliança troiana; 9 por não-líderes; e, 1 ocasionada por um deus em combate – Ares. Assim, mais uma vez, Homero expressa a importância da Tróade perante a aliança, estabelecendo uma relação de prioridade da origem dos heróis sobre a posição hierárquica que ocupam na organização e comando das tropas.

Do lado aqueu, temos a participação ativa em 252 mortes de membros da aliança troiana, os quais são subdivididos em 17 líderes, 2 não-líderes com participação ativa e 233 não-líderes sem impacto bélico além da própria morte. Ajax é o principal alzo dos líderes de contingente das tropas da aliança troiana, matando 4 heróis que ocupam essa posição hierárquica. Em sequência, temos Aquiles e Diomedes, com 3 mortes cada; Pátroclo com 2; e, Meríones, Idomeneu, Toas, Menelau e Agamêmnon com 1 cada. O que chama a atenção é que das 17 mortes analisadas, 15 ocorrem pelas mãos de líderes de contingente aqueu, enquanto as 2 restantes são realizadas por Pátroclo. Considerando que o canto XVI é um momento em que o herói retorna ao campo de batalha simulando e antecipando a presença de Aquiles, ele se comporta e se expressa como seu duplo, tanto em vestes quanto em excelência bélica. Homero utiliza a existência de Pátroclo para apresentar a glória e a queda de Aquiles sem precisar pôr o herói em combate. Assim, mesmo considerando as mortes de líderes de contingente causadas por Pátroclo como pertencentes a um herói não-líder de contingente, deve-se ressaltar que a forma com que Homero apresenta o personagem faz referência direta a ação de Aquiles, indiretamente o colocando como um líder de contingente.

Além dos líderes de contingente da aliança troiana, os outros dois heróis não-líderes que atuam, respectivamente, ativa e passivamente em embates bélicos fatais são Ântifo e Euforbo. Em congruência com os resultados vistos na análise das mortes dos heróis contidos no Catálogo Troiano, aqui também temos a presença dos líderes do contingente aqueu como atores das mortes. São pelas mãos dos Atridas que as vidas desses heróis tem seu fim, compondo mais um fator que apoia a ideia da morte troiana como meio de valorização das lideranças aqueias.

Se os heróis citados no Catálogo Troiano são aqueles marcados por um destaque na expressão da *areté*, que os fazem os primeiros entre os dianteiros – mesmo entre outros heróis que detêm a excelência como característica definidora da própria existência –, quando comparados com os heróis aqueus em mesma posição hierárquica apresentados no Catálogo das Naus, vemos uma narrativa que coloca os troianos e aliados como meio de obtenção da glória bélica aqueia. A

concentração da morte dos líderes de contingente da aliança troiana por heróis que são líderes de contingente das tropas aqueias reforça a ideia da utilização dos personagens que atuam na defesa de Ílion como forma de valorização da excelência aqueia. Enquanto o Catálogo das Naus apresenta os líderes de contingente de forma mais detalhada e com a relevância das tropas ali presentes, o Catálogo Troiano aparenta destacar os heróis que irão morrer pelas mãos dos heróis descritos imediatamente antes deles.

Considerando os dados analisados, não é possível concebermos o Catálogo Troiano como um prelúdio do destaque bélico fornecido aos heróis pertencentes a aliança troiana. Se os líderes de contingente que atuavam em defesa de Ílion são os maiores agentes das mortes aqueias, eles só o são pelos números de Heitor que inflam os resultados. A distribuição não-homogênea das participações ativas em mortes aqueias evidencia a concentração nas mãos dos líderes oriundos da Tróade, ressaltando a importância da origem sobre a relevância de uma suposta posição superior na hierarquia dos guerreiros homéricos, o que é reforçada pela análise dos não-líderes, no qual o papel da Tróade é destacado em contraposição a nulidade da participação dos membros da aliança.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um dos principais assuntos que marcam a Ilíada, tendo em vista o ambiente bélico no qual os personagens principais são os heróis que arriscam suas vidas em busca da juventude imorredoura. Mas, se os versos e cantos que compõem a obra homérica são inegavelmente repletos de sangue e morte, eles assim o são por conta da congruência com a narrativa. A presença das mortes não é uma obrigatoriedade que engessa a obra, mas sim, o resultado de uma história voltada aos embates heroicos, em que a dispersão das mortes é realizada de acordo com as necessidades dos tópicos que estão sendo abordados. Tanto assim o é que em quase um terço da obra não são encontrados exemplos de fatalidades heroicas.

Se a dispersão das mortes ao longo dos cantos é heterogênea, também não é homogênea a sua distribuição entre os heróis pertencentes a aliança troiana e às tropas aqueias. A morte dos defensores de Ílion é significativamente maior do que a de seus agressores. Mais do que isso, a desproporcionalidade de guerreiros presentes agravaria o peso de cada morte causada por mãos aqueias, tendo em vista que os troianos são representados com número inferior a 10% das tropas lideradas por Agamêmnon, e que necessitam do auxílio de povos aliados. Assim, numericamente, a vantagem aqueia apresenta um padrão de efetividade bélica que tenderia ao distanciamento entre as forças presentes, resultando em uma intensificação da desvantagem troiana. Em grande parte, esta ideia é fortalecida por conta da apresentação narrativa das vitórias troianas não receberem foco ou descrição, mas sim omissões e apresentações sem o detalhamento dos heróis presentes, o que é contraposto pelas especificações dadas aos heróis aqueus.

Do ponto de vista ativo, a aliança troiana apresenta um destaque no número total de mortes aqueias. Porém, esses dados superficiais, quando analisados de forma mais detalhada, revelam uma concentração e uma concentração das mortes da aliança troiana nas mãos dos heróis pertencentes à Trôade, principalmente Heitor, que exerce uma importância incomparável com qualquer outro herói que vise conter os avanços aqueus. Com a exclusão dos heróis oriundos da Trôade, o que se percebe é que a partição efetiva e vitoriosa dos outros líderes de contingente da aliança troiana em embates que gerem mortes de aqueus é praticamente nula.

Deste modo, pelo lado lógico, a aliança troiana faz todo o sentido bélico, mas, ao mesmo tempo, não demonstra ações e resultados práticos que a justifiquem.

Quando a perspectiva adotada é a da morte dos heróis pertencentes à aliança troiana, a diferença entre troianos, heróis da Trôade como um todo e outros líderes de contingente não apresentam uma discrepância significativa. Homero adota como tendência a utilização desses homens como meio de fornecer glória as tropas aqueias, causando um alto índice de mortandade entre os defensores de Ílion. Somando a baixa efetividade bélica dos líderes da aliança troiana com a sua alta mortandade, o que se tem por resultado são heróis repetidamente possuindo suas aparições voltadas unicamente para perecerem perante as tropas aqueias.

Não somente de líderes de contingente é composta a defesa de Ílion. A análise da participação dos heróis não-líderes de contingente é congruente com a apresentação dos heróis contidos no Catálogo Troiano. Tal como ocorre com os líderes, os outros guerreiros que possuem efetividade bélica são aqueles oriundos da Trôade, porém, neste caso, com uma restrição ainda mais específica: são todos heróis de origem troiana. Esse ponto corrobora o intuito de Homero de evidenciar o destaque troiano, o que acaba por ressaltar a posição secundária dos outros heróis da aliança troiana, relegando-os a um segundo plano dentro da narrativa iliádica. Assim, se Heitor é o maior expoente da efetividade bélica entre os defensores de Ílion, proporcionalmente, o seu apoio não tem origem em seus iguais, líderes de contingente, mas sim por seus conterrâneos, os moradores de Ílion.

A morte destes não-líderes troianos com destaque bélico também é diferenciada. Proporcionalmente, os heróis descritos no Catálogo Troiano e que tiveram êxitos em combate, possuem uma tendência expressivamente maior de, posteriormente, serem mortos ao longo da obra. Assim, a valorização dos não-líderes vitoriosos ocorre tanto por meio das mortes que causam quanto pela preservação da própria vida.

Já quando a análise comparativa é feita entre o Catálogo Troiano e o Catálogo das Naus, mais um ponto é levantado em favor ao destaque dado ao contingente aqueu. Homero descreve com maior número de detalhes as tropas que desembarcaram nas praias de Ílion, destinando uma quantidade significativamente superior de versos para realizar o que, à primeira vista, seria uma descrição similar a realizada sobre os defensores da cidade murada. Nesses versos, destinados às

tropas aqueias, o autor apresenta uma quantidade maior de contingentes e de seus respectivos líderes, com um nível expressivo de detalhamento.

Do ponto de vista bélico, a comparação entre líderes de contingente apresenta similaridades e particularidades. Se é notável a concentração das mortes realizadas por líderes aqueus nas mãos de poucos heróis, tal como ocorre também com os líderes da aliança troiana, quando analisamos a distribuição dessas mortes entre os guerreiros que expressem sua efetividade bélica, o que encontramos é uma divisão entre os líderes de maior destaque, o que se diferencia do caso troiano, no qual ocorre a concentração das mortes pelas mãos de Heitor.

Analisando a morte dos líderes do contingente aqueu, os dados demonstram uma baixa taxa de mortandade, a qual é reduzida a zero para os indivíduos que saíram vitoriosos de embates bélicos. Assim, Homero aparenta realizar uma distinção entre os heróis que vão morrer e os que irão matar. Diferentemente dos líderes da aliança troiana, os líderes do contingente aqueu não são valorizados para serem posteriormente subjugados perante os inimigos, reforçando a posição de Homero em valorizar os agressores e colocar os defensores como fornecedores de glória.

Focalizando nas experiências encontradas pelos heróis descritos nos catálogos, é realçada a atuação das mortes dos líderes de contingente como forma de valorização daqueles que ocupam uma posição hierárquica similar. A concentração da morte desses homens, quando não é realizada por outros líderes de contingente, ocorre pelas mãos dos heróis valorizados por Homero: no caso da aliança troiana com os heróis oriundos de Ílion, e no caso aqueu pelas mãos de Pátroclo atuante que simula a presença e a excelência de Aquiles.

Antes de ser vista como uma obra voltada a valorizar os feitos de uma grande guerra heroica, a Ilíada atua mais para o destaque das proezas dos heróis aqueus sobre os heróis da aliança troiana. Assim, uma vez que a excelência troiana é constantemente sucedida pela morte destes heróis, até mesmo o prestígio e a glória fornecidos à aliança troiana culminam na potencialização da glória aqueia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes Primárias:

HESÍODO. **Trabalhos e dias**. Tradução: Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HOMERO, **Ilíada**. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras; Penguin Books, 1ª ed., 2013.

### Fontes Secundárias:

ACHCAR, Francisco. **Lírica e Lugar-comum**. Alguns temas de Horácio e sua presença em português. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica à bela morte vernantiana. **Clássica**, São Paulo, v. 7/8, 1994/1995.p. 56-62.

AZEVEDO, Cristiane A. de. A kléos heróica como mecanismo de individuação do homem grego. **Hypnos**, nº 27, São Paulo, 2011. p. 327-335.

BOWRA. C.M.. *Obstacles and Difficulties*. In: **Homer**. 1972. p. 32-53.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, vol. 11 nº 5. 1991. p. 173-191.

CLARKE, Michael. *Manhood and heroism*. In: FOWLER, R. L.. **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p.74-90.

CRESCO GÜEMES, Emilio. *La actualidad de la Ilíada: de la poesía oral a internet*. **Letras Clássicas**. Madrid. v. 5. 2001. p. 29-61.

DIOGO, João Emanuel. Cartografia da Humanidade: o corpo em Homero. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 24. nº. 48. 2015. p. 355-366.

EVANS; C.; JASNOW, B..*Mapping Homer's Catalogue of Ships*. In: **Literary and Linguistic Computing**, vol. 29, 2014, p. 317–325.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A, 1986.

FERREIRA, Vania Maria Moragas. O Herói Iliádico e a Questão da Euforia Guerreira. **Antiguidade Clássica** (Apucarama) , v. 02, 2008. p. 69-76.

FOLEY, J.M.. *Epic as genre*. In: FOWLER, R. L.. **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 171-187

FOWLER, R. L.. Introduction. In: **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 1-11.

FUNARI, P.P. A relevância da Antiguidade e da Idade Média para a universidade e a sociedade brasileiras. In: LIMA, M.P.; MUNIZ, M.R.C.; CAVICCHIOLI, M.R. **Tempo, história e ficção**: ensaios sobre a Antiguidade e a Idade Média. 1ª ed. Salvador: Quarteto. 2014. p. 159-168

GILAN, Amir. *Epic and History in Hittite Anatolia: In Search of a Local Hero*. In: KONSTAN, D.; RAAFLAUB, K.A. (Orgs.). **Epic and History**. Blackwell Publishing, 2010. p. 51-65.

GIL, T. L. . **Como se faz um banco de dados (em história)**. 1ª ed. Porto Alegre: Ladeira Livros, v. 1. 2015.

GUARINELLO, N. L. . História Antiga e memória social. In: **História Antiga**. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1. 2013. p. 7-27.

HOPE SIMPSON, R.; J.F. Lazenby. *The Homeric Catalogue of Ships and its dramatic context in the Iliad*. In: HOPE SIMPSON, R.; J.F. Lazenby. **The Catalogue of the Ships in Homer's Iliad**. 1970. p. 39-44

INDEPENDENTE Tricolor abre Grupo Especial em SP cantando Guerra de Troia em sua volta à elite. G1. 18 fev. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2023/noticia/2023/02/18/independente-tricolor-abre-grupo-especial-em-sp-cantando-guerra-de-troia-em-sua-volta-a-elite.ghtml>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

JÁCOME NETO, Félix . A arte de Homero e o historiador: observações introdutórias. **ROMANITAS** - REVISTA DE ESTUDOS GRECOLATINOS , v. 2, 2013. p. 197-218.

KEARNS, Emily. *The Gods in the Homeric Epics*. In: FOWLER, R. L.. **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge University Press, 2006. p. 59-73.

KIRK, G. S.. **The Iliad: A Commentary**, vol. I. Cambridge: Cambridge University Press.1985.

LANDWEHR, C. E. et al. *A taxonomy of computer program security flaws*. **ACM Computing Surveys**, v. 26, n. 3, 1994.

LOPES, A. O. O. D. . A imagem dos deuses nos poemas homéricos. **Artefilosofia** (UFOP) , v. 14, 2013. p.96-74.

NAGY, Gregory. **O Herói Épico**. Trad. NETO, Félix Jácome. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37492412/O\\_Her%C3%B3i\\_%C3%89pico\\_Gregory\\_Nagy\\_tradu%C3%A7%C3%A3o\\_F%C3%A9lix\\_J%C3%A1come\\_](https://www.academia.edu/37492412/O_Her%C3%B3i_%C3%89pico_Gregory_Nagy_tradu%C3%A7%C3%A3o_F%C3%A9lix_J%C3%A1come_)>. Acesso em: 10 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. **Questões Homéricas**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2021.

POMPEU, A. M. C. ; Araújo, O.L. . Os gêneros lírico, épico e dramático. In: Álisson Hudson Veras Lima; Marilde Alves da Silva; Vanessa Silva Almeida. (Org.). **A**

**literatura na teoria e na prática.** 1ed.São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 1. p. 14-35.

POSTLETHWAITE, N. "The Duel of Paris and Menelaos and the Teichoskopia in Iliad 3." **Antichthon.** vol. 19. 1985. p.1-6.

PIRES, F. Murari ; A Areté Heróica e A Guerra de Tróia: O Melhor dos Aqueus. **Clássica.** São Paulo, v. 9/10, nº. 9/10, 1996. p. 145-162.

ROCHA, Roosevelt. Como Ler as Epopéias: Entre Textos Primários, Edições e Traduções. In: SANTOS, Dominique. **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo.** 1ª. ed. Blumenau: EDIFURB, 2014. p.29-41.

SANTOS, ISABELLA SILVA ; PIMENTEL, CARLOS EDUARDO ; VENÂNCIO DE VASCONCELOS, MARIA HELENA ; PEREIRA DA SILVA JUNIOR, ROBINSON PIERRE ; BARROS DE ABREU, AMANDA. Com Grandes Poderes Vem- O Que? Super-Heróis, Agressividade e Pró-Sociabilidade em Adolescentes. **Revista de Psicologia da IMED** , v. 10, 2018. p. 54-70.

SEYMOUR, Thomas D.. **Homer's Iliad, Books I-III.** Ginn and Company. 1891.

SILVA, Marco A. L. . A existência efêmera à luz de Mimnermo de Cólofon. **REVISTA ESTÉTICA E SEMIÓTICA** , v. 6, 2016. p. 43-50.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** 6ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

SOUSA, Renata Cardoso de ; SILVA, B. M da . A bela morte e o belo morto: duas visões acerca da morte em Homero. In: **XX Ciclo de Debates em História Antiga - Unidade & Diversidade**, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos - Ciclo de Debates em História Antiga. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 6. 2012. p. 128-135.

TELLES, V. ; VALLE, C. F. R. . O mito do conceito de herói. **Revista do ISAT** , v. 7, 2009. p. 10-17.

TORRES PRIETO, Susana. *Slavic Epic: Past Tales and Present Myths.* In: KONSTAN, D.; RAAFLAUB, K.A. (Orgs.). **Epic and History.** Blackwell Publishing, 2010. p. 223-242.

TRÓIA, **IMDb**, 2004. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0332452/>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

TROIA. Direção: Wolfgang Petersen, Roteiro de David Benioff. Produção: Warner Bros. Pictures, 2004. 1 DVD (163 min.)

VERNANT, Jean-Pierre. **A bela morte e o cadáver ultrajado.** Discurso, 1978.

\_\_\_\_\_. **Mito e religião na Grécia Antiga.** Tradução: ANGÉLICA J.. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2006.

WADE-GERY, H.T.. *The poet of the Iliad*. Cambridge University Press. 1952.

## APÊNDICE A - QUADRO 1: A DISTRIBUIÇÃO DA MORTE HEROICA AO LONGO DA ILÍADA

Quadro 1.1 - A morte heroica no canto I

MORTES		CANTO I						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
0	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.2 - A morte heroica no canto II

MORTES		CANTO II						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
0	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.3 - A morte heroica no canto III

MORTES		CANTO III						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
0	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.4 - A morte heroica no canto IV

MORTES		CANTO IV						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
1	1	Antíloco	Nestor	A	Equepolo	Talísio	T	457
2	2	Agenor	Antenor	T	Elefenor	Calcodonte	A	463
3	3	Ájax	Télamon	A	Simoésio	Antémion	T	474
4	4	Ântifo	Príamo	T	Leuco		A	491
5	5	Ulisses	Laerte	A	Democoonte	Príamo	T	499
6	6	Piro	Ímbraso	T	Diores	Amarinceu	A	517
7	7	Toas	Andrêmon	A	Piro	Ímbraso	T	527

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.5 - A morte heroica no canto V

MORTES		CANTO V						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
8	1	Diomedes	Tideu	A	Fegeu	Dares	T	15
9	2	Agamêmnon	Atreu	A	ódio / Odio		T	39
10	3	Idomeneu	Deucalião	A	Festo	Boro	T	43
11	4	Menelau	Atreu	A	Escamândrio	Estrófio	T	49
12	5	Meríones	Molo	A	Féreclo	Técton	T	59
13	6	Meges	Fileu	A	Pedeu	Antenor	T	69
14	7	Eurípilo	Evenor	A	Hipsenor	Dolopíon	T	76
15	8	Diomedes	Tideu	A	Astínoo		T	144
16	9	Diomedes	Tideu	A	Hipíron / Hipírone		T	144
17	10	Diomedes	Tideu	A	Abante	Euridamante	T	148
18	11	Diomedes	Tideu	A	Poliído	Euridamante	T	148
19	12	Diomedes	Tideu	A	Xanto	Fénops	T	152
20	13	Diomedes	Tideu	A	Tóon	Fénops	T	152
21	14	Diomedes	Tideu	A	Equémon	Príamo	T	160
22	15	Diomedes	Tideu	A	Crômio	Príamo	T	160
23	16	Diomedes	Tideu	A	Pândaro	Licáon	T	291
24	17	Agamêmnon	Atreu	A	Deicoonte	Pérgaso	T	534
25	18	Eneias	Anquises	T	Créton	Diocles	A	542
26	19	Eneias	Anquises	T	Orsíloco	Diocles	A	542
27	20	Menelau	Atreu	A	Pilémenes		T	576
28	21	Antíloco	Nestor	A	Mídon	Atímnio	T	580
29	22	Heitor	Príamo	T	Menestes		A	609
30	23	Heitor	Príamo	T	Anquíalo		A	609
31	24	Ájax	Télamon	A	Anfio	Sélago	T	612
32	25	Sarpédon	Zeus	T	Tlepólemo	Hércules	A	656
33	26	Ulisses	Laerte	A	Cérano		T	677
34	27	Ulisses	Laerte	A	Alastor		T	677
35	28	Ulisses	Laerte	A	Crômio		T	677
36	29	Ulisses	Laerte	A	Alcandro		T	678
37	30	Ulisses	Laerte	A	Hálio		T	678
38	31	Ulisses	Laerte	A	Noémon		T	678
39	32	Ulisses	Laerte	A	Prítanis		T	678
40	33	Heitor	Príamo	T	Teutrante		A	705
41	34	Heitor	Príamo	T	Orestes		A	705
42	35	Heitor	Príamo	T	Treco		A	706
43	36	Heitor	Príamo	T	Enômao		A	706
44	37	Heitor	Príamo	T	Heleno	Énops	A	707
45	38	Heitor	Príamo	T	Orésbio		A	707
46	39	Ares	Zeus	T	Perifante	Oquésio	A	842

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.6 - A morte heroica no canto VI

MORTES		CANTO VI						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
47	1	Ájax	Télamon	A	Acamante	Eussoro	T	8
48	2	Diomedes	Tideu	A	Axilo	Teutrante	T	18
49	3	Diomedes	Tideu	A	Calésio		T	18
50	4	Euríalo	Mecisteu	A	Dreso		T	20
51	5	Euríalo	Mecisteu	A	Ofélcio		T	20
52	6	Euríalo	Mecisteu	A	Esepo	Bucólion	T	21
53	7	Euríalo	Mecisteu	A	Pédaso	Bucólion	T	21
54	8	Polipetes	Pirítoo	A	Astíalo		T	29
55	9	Ulisses	Laerte	A	Pedites		T	30
56	10	Teucro	Télamon	A	Aretáon		T	31
57	11	Antíloco	Nestor	A	Ablero		T	32
58	12	Agamêmnon	Atreu	A	Élato		T	33
59	13	Léito	Aléctrion	A	Fílaco		T	25
60	14	Eurípilo	Evémon	A	Melântio		T	36
61	15	Agamêmnon	Atreu	A	Adrasto		T	63

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.7 - A morte heroica no canto VII

MORTES		CANTO VII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
62	1	Alexandre	Príamo	T	Menéstio	Areítoo	A	9
63	2	Heitor	Príamo	T	Eioneu		A	11
64	3	Glauco	Hipóloco	T	Ifínoo	Déxio	A	14

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.8 - A morte heroica no canto VIII

MORTES		CANTO VIII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
65	1	Diomedes	Tideu	A	Eniopeu	Tebeu	T	120
66	2	Diomedes	Tideu	A	Agelau	Fradmo	T	257
67	3	Teucro	Télamon	A	Orsíloco		T	274
68	4	Teucro	Télamon	A	órmeno		T	274
69	5	Teucro	Télamon	A	Ofelestes		T	274
70	6	Teucro	Télamon	A	Detor		T	275
71	7	Teucro	Télamon	A	Crômio		T	275
72	8	Teucro	Télamon	A	Licofonte		T	275
73	9	Teucro	Télamon	A	Amopáon	Poliémon	T	276
74	10	Teucro	Télamon	A	Melanipo		T	276
75	11	Teucro	Télamon	A	Gorgition	Príamo	T	302
76	12	Teucro	Télamon	A	Arqueptólemo	Ífito	T	312

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.9 - A morte heroica no canto IX

MORTES		CANTO IX						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
76	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.10 - A morte heroica no canto X

MORTES		CANTO X						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
77	1	Diomedes	Tideu	A	Dólon	Eumedes	T	457
78	2	Diomedes	Tideu	A	1 Trácio sem nome		T	488
79	3	Diomedes	Tideu	A	2 Trácio sem nome		T	488
80	4	Diomedes	Tideu	A	3 Trácio sem nome		T	488
81	5	Diomedes	Tideu	A	4 Trácio sem nome		T	488
82	6	Diomedes	Tideu	A	5 Trácio sem nome		T	488
83	7	Diomedes	Tideu	A	6 Trácio sem nome		T	488
84	8	Diomedes	Tideu	A	7 Trácio sem nome		T	488
85	9	Diomedes	Tideu	A	8 Trácio sem nome		T	488
86	10	Diomedes	Tideu	A	9 Trácio sem nome		T	488
87	11	Diomedes	Tideu	A	10 Trácio sem nome		T	488
88	12	Diomedes	Tideu	A	11 Trácio sem nome		T	488
89	13	Diomedes	Tideu	A	12 Trácio sem nome		T	488
90	14	Diomedes	Tideu	A	Reso	Eioneu	T	494

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.11 - A morte heroica no canto XI

MORTES		CANTO XI						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
91	1	Agamêmnon	Atreu	A	Bienor / Bianor		T	92
92	2	Agamêmnon	Atreu	A	Oileu		T	94
93	3	Agamêmnon	Atreu	A	Iso	Príamo	T	108
94	4	Agamêmnon	Atreu	A	Ântifo	Príamo	T	109
95	5	Agamêmnon	Atreu	A	Pisandro	Antímaco	T	122
96	6	Agamêmnon	Atreu	A	Hipóloco	Antímaco	T	122
97	7	Agamêmnon	Atreu	A	Ifidamante	Antenor	T	240
98	8	Agamêmnon	Atreu	A	Cóon	Antenor	T	256
99	9	Heitor	Príamo	T	Aseu		A	301
100	10	Heitor	Príamo	T	Autónoo		A	301
101	11	Heitor	Príamo	T	Opites		A	301
102	12	Heitor	Príamo	T	Dólops	Clício	A	302
103	13	Heitor	Príamo	T	Ofélcio		A	302
104	14	Heitor	Príamo	T	Agelau		A	302
105	15	Heitor	Príamo	T	Esimno		A	303
106	16	Heitor	Príamo	T	Oro		A	303
107	17	Heitor	Príamo	T	Hipónoo		A	303
108	18	Diomedes	Tideu	A	Timbreu		T	320
109	19	Ulisses	Laerte	A	Molíon		T	322
110	20	Diomedes	Tideu	A	Adrasto	Mérops	T	329
111	21	Diomedes	Tideu	A	Ânfio	Mérops	T	329
112	22	Ulisses	Laerte	A	Hipódamo		T	335
113	23	Ulisses	Laerte	A	Hipíroco		T	335
114	24	Diomedes	Tideu	A	Agástrofo	Péon	T	339
115	25	Ulisses	Laerte	A	Deiopites		T	421
116	26	Ulisses	Laerte	A	Tóon		T	422
117	27	Ulisses	Laerte	A	Êunomo		T	422
118	28	Ulisses	Laerte	A	Quersidamante		T	423
119	29	Ulisses	Laerte	A	Cárops	Hípaso	T	426
120	30	Ulisses	Laerte	A	Soco	Hípaso	T	440
121	31	Ájax	Télamon	A	Dóriclo	Príamo	T	490
122	32	Ájax	Télamon	A	Pândoco		T	490
123	33	Ájax	Télamon	A	Lisandro		T	491
124	34	Ájax	Télamon	A	Píraso		T	491
125	35	Ájax	Télamon	A	Pilartes		T	491
126	36	Eurípilo	Evémon	A	Apisáon	Fáusio	T	578

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.12 - A morte heroica no canto XII

MORTES		CANTO XII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
127	1	Polipetes	Pirítoo	A	Dâmaso		T	183
128	2	Polipetes	Pirítoo	A	Pílon		T	187
129	3	Polipetes	Pirítoo	A	órmeno		T	187
130	4	Leonteu	Corono	A	Hipômaco	Antímaco	T	188
131	5	Leonteu	Corono	A	Antífates		T	191
132	6	Leonteu	Corono	A	Mênnon		T	193
133	7	Leonteu	Corono	A	lálmeno		T	193
134	8	Leonteu	Corono	A	Orestes		T	193
135	9	Ájax	Télamon	A	Épicles		T	379
136	10	Sarpédon	Zeus	T	Alcmáon	Testor	A	395

Fonte: A autoria própria.

Quadro 1.13 - A morte heroica no canto XIII

MORTES		CANTO XIII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
137	1	Teucro	Télamon	A	Ímbrio	Mentor	T	181
138	2	Heitor	Príamo	T	Anfímaco	Ctéato	A	185
139	3	Idomeneu	Deucalião	A	Otrioneu		T	363
140	4	Idomeneu	Deucalião	A	Ásio	Hírtaco	T	392
141	5	Antíloco	Nestor	A	Cocheiro		T	394
142	6	Deífobo	Príamo	T	Hipsenor	Hípaso	A	411
143	7	Idomeneu	Deucalião	A	Alcáto	Esietes	T	428
144	8	Idomeneu	Deucalião	A	Enômao		T	506
145	9	Deífobo	Príamo	T	Ascálafo	Ares	A	518
146	10	Eneias	Anquises	T	Afareu	Caletor	A	541
147	11	Antíloco	Nestor	A	Tóon		T	548
148	12	Meríones	Molo	A	Adamante	Ásio	T	573
149	13	Heleno	Príamo	T	Deípiro		A	580
150	14	Menelau	Atreu	A	Pisandro		T	614
151	15	Meríones	Molo	A	Harpálion	Pilémenes	T	644
152	16	Alexandre	Príamo	T	Euquenor	Políido	A	663

Fonte: A autoria própria.

Quadro 1.14 - A morte heroica no canto XIV

MORTES		CANTO XIV						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
153	1	Ájax	Oileu	A	Sátnio	Énops	T	443
154	2	Polidamante	Pântoo	T	Protoenor	Arílico	A	450
155	3	Ájax	Télamon	A	Arquéloco	Antenor	T	463
156	4	Acamante	Antenor	T	Prômaco	Alegenor	A	477
157	5	Peneleu		A	Ilioneu	Forbante	T	493
158	6	Ájax	Télamon	A	Hírtio	Gírtio	T	511
159	7	Antíloco	Nestor	A	Falces		T	513
160	8	Antíloco	Nestor	A	Mérmero		T	513
161	9	Meríones	Molo	A	Móris	Hipótion	T	514
162	10	Meríones	Molo	A	Hipócio		T	514
163	11	Teucro	Télamon	A	Prótoon		T	515
164	12	Teucro	Télamon	A	Perifetes		T	515
165	13	Menelau	Atreu	A	Hiperenor		T	516

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.15 - A morte heroica no canto XV

MORTES		CANTO XV						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
166	1	Heitor	Priamo	T	Estíquio		A	329
167	2	Heitor	Priamo	T	Arcesilau		A	329
168	3	Eneias	Anquises	T	Médon	Oileu	A	332
169	4	Eneias	Anquises	T	Íaso	Esfelo	A	332
170	5	Polidamante	Pântoo	T	Mecisteu	Équio	A	339
171	6	Polites	Priamo	T	Équion		A	339
172	7	Agenor	Antenor	T	Clônio		A	340
173	8	Alexandre	Priamo	T	Deíoco		A	341
174	9	Ájax	Télamon	A	Caletor	Clício	T	419
175	10	Heitor	Priamo	T	Licofron	Mastor	A	430
176	11	Teucro	Télamon	A	Clito	Pisenor	T	445
177	12	Heitor	Priamo	T	Esquédio	Perimedes	A	515
178	13	Ájax	Télamon	A	Laodamante	Antenor	T	516
179	14	Polidamante	Pântoo	T	Oto		A	518
180	15	Meges	Fileu	A	Cresmo		T	524
181	16	Menelau	Atreu	A	Dólops	Lampo	T	541
182	17	Antíloco	Nestor	A	Melanipo	Hiquetáon	T	576
183	18	Heitor	Priamo	T	Perifetes	Copreu	A	638
184	19	Ájax	Télamon	A	Morte 1		T	746
185	20	Ájax	Télamon	A	Morte 2		T	746
186	21	Ájax	Télamon	A	Morte 3		T	746
187	22	Ájax	Télamon	A	Morte 4		T	746
188	23	Ájax	Télamon	A	Morte 5		T	746
189	24	Ájax	Télamon	A	Morte 6		T	746
190	25	Ájax	Télamon	A	Morte 7		T	746
191	26	Ájax	Télamon	A	Morte 8		T	746
192	27	Ájax	Télamon	A	Morte 9		T	746
193	28	Ájax	Télamon	A	Morte 10		T	746
194	29	Ájax	Télamon	A	Morte 11		T	746
195	30	Ájax	Télamon	A	Morte 12		T	746

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.16 - A morte heroica no canto XVI

MORTES		CANTO XVI - PARTE 1						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
196	1	Pátroclo	Menécio	A	Pirecmes		T	287
197	2	Pátroclo	Menécio	A	Arílico		T	308
198	3	Menelau	Atreu	A	Toante		T	311
199	4	Meges	Fileu	A	Ânficlo		T	313
200	5	Antíloco	Nestor	A	Antímnio	Amisódaro	T	318
201	6	Trasimedes	Nestor	A	Máris	Amisódaro	T	319
202	7	Ájax	Oileu	A	Cleobulo		T	330
203	8	Peneleu		A	Lícon		T	337
204	9	Meríones	Molo	A	Acamante	Antenor	T	342
205	10	Idomeneu	Deucalião	A	Erimante		T	345
206	11	Pátroclo	Menécio	A	Prónoo		T	399
207	12	Pátroclo	Menécio	A	Testor	Énops	T	402
208	13	Pátroclo	Menécio	A	Eri Lau		T	411
209	14	Pátroclo	Menécio	A	Erimante		T	415
210	15	Pátroclo	Menécio	A	Anfótero		T	415
211	16	Pátroclo	Menécio	A	Epaltes		T	415
212	17	Pátroclo	Menécio	A	Tlepólemo	Damastor	T	416
213	18	Pátroclo	Menécio	A	Équio		T	416
214	19	Pátroclo	Menécio	A	Píris		T	416
215	20	Pátroclo	Menécio	A	Ifeu		T	417
216	21	Pátroclo	Menécio	A	Evipo		T	417
217	22	Pátroclo	Menécio	A	Polimelo	Árgeas	T	417
218	23	Pátroclo	Menécio	A	Trasimelo		T	464
219	24	Pátroclo	Menécio	A	Sarpédon	Zeus	T	485
220	25	Heitor	Priamo	T	Epigeu	Ágacles	A	571
221	26	Pátroclo	Menécio	A	Estenelau	Itemeneu	T	586
222	27	Glauco	Hipóloco	T	Baticleu	Cálcon	A	594
223	28	Meríones	Filho de Molo	A	Laógono	Onetor	T	604
224	29	Pátroclo	Menécio	A	Adrasto		T	694
225	30	Pátroclo	Menécio	A	Autónoo		T	694
226	31	Pátroclo	Menécio	A	Équeclo		T	694
227	32	Pátroclo	Menécio	A	Périmo	Megas	T	695
228	33	Pátroclo	Menécio	A	Epistor		T	695
229	34	Pátroclo	Menécio	A	Melanipo		T	695
230	35	Pátroclo	Menécio	A	Élaso		T	696
231	36	Pátroclo	Menécio	A	Múlio		T	696
232	37	Pátroclo	Menécio	A	Pilartes		T	696
233	38	Pátroclo	Menécio	A	Cebríones	Priamo	T	738
234	39	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 1		T	785
235	40	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 2		T	785
236	41	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 3		T	785
237	42	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 4		T	785
238	43	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 5		T	785
239	44	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 6		T	785
240	45	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 7		T	785
241	46	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 8		T	785
242	47	Pátroclo	Menécio	A	1º arremetida morte 9		T	785
243	48	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 1		T	785
244	49	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 2		T	785
245	50	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 3		T	785
246	51	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 4		T	785
247	52	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 5		T	785

MORTES		CANTO XVI - PARTE 2						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
248	53	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 6		T	785
249	54	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 7		T	785
250	55	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 8		T	785
251	56	Pátroclo	Menécio	A	2º arremetida morte 9		T	785
252	57	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 1		T	785
253	58	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 2		T	785
254	59	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 3		T	785
255	60	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 4		T	785
256	61	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 5		T	785
257	62	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 6		T	785
258	63	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 7		T	785
259	64	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 8		T	785
260	65	Pátroclo	Menécio	A	3º arremetida morte 9		T	785
261	66	Euforbo	Pântoo	T	Morte 1		A	810
262	67	Euforbo	Pântoo	T	Morte 2		A	810
263	68	Euforbo	Pântoo	T	Morte 3		A	810
264	69	Euforbo	Pântoo	T	Morte 4		A	810
265	70	Euforbo	Pântoo	T	Morte 5		A	810
266	71	Euforbo	Pântoo	T	Morte 6		A	810
267	72	Euforbo	Pântoo	T	Morte 7		A	810
268	73	Euforbo	Pântoo	T	Morte 8		A	810
269	74	Euforbo	Pântoo	T	Morte 9		A	810
270	75	Euforbo	Pântoo	T	Morte 10		A	810
271	76	Euforbo	Pântoo	T	Morte 11		A	810
272	77	Euforbo	Pântoo	T	Morte 12		A	810
273	78	Euforbo	Pântoo	T	Morte 13		A	810
274	79	Euforbo	Pântoo	T	Morte 14		A	810
275	80	Euforbo	Pântoo	T	Morte 15		A	810
276	81	Euforbo	Pântoo	T	Morte 16		A	810
277	82	Euforbo	Pântoo	T	Morte 17		A	810
278	83	Euforbo	Pântoo	T	Morte 18		A	810
279	84	Euforbo	Pântoo	T	Morte 19		A	810
280	85	Euforbo	Pântoo	T	Morte 20		A	810
281	86	Heitor	Príamo	T	Pátroclo	Menécio	A	843
282	82	Euforbo	Pântoo	T	Morte 17		A	810
283	83	Euforbo	Pântoo	T	Morte 18		A	810
284	84	Euforbo	Pântoo	T	Morte 19		A	810
285	85	Euforbo	Pântoo	T	Morte 20		A	810
286	86	Heitor	Príamo	T	Pátroclo	Menécio	A	843

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.17 - A morte heroica no canto XVII

MORTES		CANTO XVII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
282	1	Menelau	Atreu	A	Euforbo	Pântoo	T	59
283	2	Ájax	Télamon	A	Hipótoo	Leto	T	288
284	3	Heitor	Príamo	T	Esquédio	Ífito	A	308
285	4	Ájax	Télamon	A	Fórcis	Fénops	T	312
286	5	Eneias	Anquises	T	Liócrito	Arisbante	A	344
287	6	Licomedes	Creonte	A	Apisáon	Hípaso	T	350
288	7	Automedonte	Diores	A	Areto		T	523
289	8	Menelau	Atreu	A	Podes	Eécion	T	574
290	9	Heitor	Príamo	T	Quérano		A	614

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.18 - A morte heroica no canto XVIII

MORTES		CANTO XVIII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
290	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.19 - A morte heroica no canto XIX

MORTES		CANTO XIX						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
290	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.20 - A morte heroica no canto XX

MORTES		CANTO XX						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
291	1	Aquiles	Peleu	A	Ifition	Otrinteu	T	382
292	2	Aquiles	Peleu	A	Demoleonte	Antenor	T	395
293	3	Aquiles	Peleu	A	Hipodamante		T	401
294	4	Aquiles	Peleu	A	Polidoro	Príamo	T	407
295	5	Aquiles	Peleu	A	Dríops		T	455
296	6	Aquiles	Peleu	A	Demuco	Filector	T	457
297	7	Aquiles	Peleu	A	Laógono	Biante	T	460
298	8	Aquiles	Peleu	A	Dárdano	Biante	T	460
299	9	Aquiles	Peleu	A	Trós	Alastor	T	468
300	10	Aquiles	Peleu	A	Múlio		T	472
301	11	Aquiles	Peleu	A	Équeclo	Agenor	T	474
302	12	Aquiles	Peleu	A	Deucalião		T	478
303	13	Aquiles	Peleu	A	Rigmo	Peires	T	484
304	14	Aquiles	Peleu	A	Arítoo		T	488

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.21 - A morte heroica no canto XXI

MORTES		CANTO XXI						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
305	1	Aquiles	Peleu	A	Licáon	Priamo	T	118
306	2	Aquiles	Peleu	A	Asteropeu	Pélegon	T	201
307	3	Aquiles	Peleu	A	Tersiloco		T	209
308	4	Aquiles	Peleu	A	Mídon		T	209
309	5	Aquiles	Peleu	A	Astípilo		T	209
310	6	Aquiles	Peleu	A	Mneso		T	210
311	7	Aquiles	Peleu	A	Trásio		T	210
312	8	Aquiles	Peleu	A	Énio		T	210
313	9	Aquiles	Peleu	A	Ofelestes		T	210

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.22 - A morte heroica no canto XXII

MORTES		CANTO XXII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
314	1	Aquiles	Peleu	A	Heitor	Priamo	T	355

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.23 - A morte heroica no canto XXIII

MORTES		CANTO XXIII						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
315	1	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 1		T	175
316	2	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 2		T	175
317	3	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 3		T	175
318	4	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 4		T	175
319	5	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 5		T	175
320	6	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 6		T	175
321	7	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 7		T	175
322	8	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 8		T	175
323	9	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 9		T	175
324	10	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 10		T	175
325	11	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 11		T	175
326	12	Aquiles	Peleu	A	Sacrifício 12		T	175

Fonte: Autoria própria.

Quadro 1.24 - A morte heroica no canto XXIV

MORTES		CANTO XXIV						
Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	LADO	MORRE	PROGENITOR	LADO	MOMENTO
326	0	***		***	***		***	***

Fonte: Autoria própria.

**APÊNDICE B - QUADRO 2: A DISTRIBUIÇÃO DA MORTE HEROICA ILIÁDICA  
AO LONGO DOS CANTOS E ENTRE OS CONTINGENTES**

NÚMERO DE MORTES			DIVISÃO DAS MORTES POR CANTO	
CANTO	POR CANTO	CUMULATIVO	AQUEUS	ALIANÇA TROIANA
I	0	0	0	0
II	0	0	0	0
III	0	0	0	0
IV	7	7	4	3
V	39	46	27	12
VI	15	61	15	0
VII	3	64	0	3
VIII	12	76	12	0
IX	0	76	0	0
X	14	90	14	0
XI	36	126	27	9
XII	10	136	9	1
XIII	16	152	10	6
XIV	13	165	11	2
XV	30	195	18	12
XVI	86	281	63	23
XVII	9	290	6	3
XVIII	0	290	0	0
XIX	0	290	0	0
XX	14	304	14	0
XXI	9	313	9	0
XXII	1	314	1	0
XXIII	12	326	12	0
XXIV	0	326	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>326</b>	<b>326</b>	<b>252</b>	<b>74</b>

Fonte: Autoria própria.

### APÊNDICE C - QUADRO 3: HERÓIS LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA

HERÓIS LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA								
Nº	LÍDER	CONTINGENTE	MORTES CAUSADAS	STATUS	MORTO POR	PROGENITOR DE QUEM O MATOU	RELAÇÃO COM A TOTALIDADE DAS MORTES CAUSADAS PELA ALIANÇA TROIANA (%)	RELAÇÃO COM AS MORTES CAUSADAS POR LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA (%)
1	HEITOR	TROIANOS	28	MORTO	Aquiles	Peleu	37,8	70,0
2	ENEIAS	DARDÂNIOS	6	VIVO			8,1	15,0
3	ARQUÉLOCO	DARDÂNIOS	0	MORTO	Ájax	Télamon	0,0	0,0
4	ACAMAS - ACAMANTE	DARDÂNIOS	1	MORTO	Meriones	Molo	1,4	2,5
5	PÂNDARO	ZELEIOS (IDA)	0	MORTO	Diomedes	Tideu	0,0	0,0
6	ADRASO	ADRASTIANOS	0	MORTO	Diomedes	Tideu	0,0	0,0
7	ÂNFIO	ADRASTIANOS	0	MORTO	Diomedes	Tideu	0,0	0,0
8	ÁSIO	PERCOTIANOS	0	MORTO	Idomeneu	Deucalião	0,0	0,0
9	HIPÓTOO	PELASGOS	0	MORTO	Ájax	Télamon	0,0	0,0
10	PILEU	PELASGOS	0	ÚNICA MENÇÃO			0,0	0,0
11	ACAMANTE - ACAMAS	TRÁCIOS	0	MORTO	Ájax	Télamon	0,0	0,0
12	PIROO - PIRO	TRÁCIOS	1	MORTO	Toas	Andrêmon	1,4	2,5
13	EUFEMO	CÍCONES	0	ÚNICA MENÇÃO			0,0	0,0
14	PIRECMES	PEÓNIOS	0	MORTO	Patroclo	Menécio	0,0	0,0
15	PILÉMENES	PAFLAGÓNIOS	0	MORTO	Menelau	Atreu	0,0	0,0
16	ÓDIO	HALIZONAS	0	MORTO	Agamêmnon	Atreu	0,0	0,0
17	EPÍSTROFO	HALIZONAS	0	ÚNICA MENÇÃO			0,0	0,0
18	CRÓMIS	MÍSIOS	0	CITADO 19			0,0	0,0
19	ÊNOMO	MÍSIOS	0	MORTO	Aquiles	Peleu	0,0	0,0
20	FÓRCIS	FRÍGIOS	0	MORTO	Ájax	Télamon	0,0	0,0
21	ASCÂNIO	FRÍGIOS	0	CITADO 13			0,0	0,0
22	MESTLES	MEÓNIOS	0	CITADO 19			0,0	0,0
23	ÂNTIFO	MEÓNIOS	0	ÚNICA MENÇÃO			0,0	0,0
24	ANFÍMACO	CÁRIOS	0	ÚNICA MENÇÃO			0,0	0,0
25	NASTES	CÁRIOS	0	MORTO	Aquiles	Peleu	0,0	0,0
26	SARPÉDON	LÍDIOS	2	MORTO	Patroclo	Menécio	2,7	5,0
27	GLAUÇO	LÍDIOS	2	CITADO 19			2,7	5,0

Fonte: Autoria própria.

### APÊNDICE D - QUADRO 4: HERÓIS NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA

HERÓIS NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE								
Nº	LÍDER	CONTINGENTE	MORTES CAUSADAS	STATUS	MORTO POR	PROGENITOR DE QUEM O MATOU	RELAÇÃO COM A TOTALIDADE DAS MORTES CAUSADAS PELA ALIANÇA TROIANA (%)	RELAÇÃO COM AS MORTES CAUSADAS POR NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA (%)
1	AGENOR	TROIANOS	2	CITADO 21			2,7	6,1
2	ÂNTIFO	TROIANOS	1	MORTO	Agamêmnon	Atreu	1,4	3,0
3	ALEXANDRE	TROIANOS	3	CITADO 24			4,1	9,1
4	ARES	-//-	1	DEUS			1,4	
5	DEÍFOBO	TROIANOS	2	CITADO 24			2,7	6,1
6	HELENO	TROIANOS	1	CITADO 24			1,4	3,0
7	POLIDAMANTE	TROIANOS	3	CITADO 22			4,1	9,1
8	POLITES	TROIANOS	1	CITADO 24			1,4	3,0
9	EUFORBO	TROIANOS	20	MORTO	Menelau	Atreu	27,0	60,6

Fonte: Autoria própria.

## APÊNDICE E - QUADRO 5: DETALHAMENTO DAS SITUAÇÕES FATAIS QUE ENVOLVAM LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA

DETALHAMENTO DAS SITUAÇÕES FATAIS QUE ENVOLVAM LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA								
MORTES				DETALHES				
CANTO	Nº	Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	MORRE	PROGENITOR	MOMENTO
5	1	29	22	Heitor	Priamo	Menestes		609
5	2	30	23	Heitor	Priamo	Anquíalo		609
5	3	40	33	Heitor	Priamo	Teutrante		705
5	4	41	34	Heitor	Priamo	Orestes		705
5	5	42	35	Heitor	Priamo	Treco		706
5	6	43	36	Heitor	Priamo	Enômao		706
5	7	44	37	Heitor	Priamo	Heleno	Énops	707
5	8	45	38	Heitor	Priamo	Orésbio		707
7	9	63	2	Heitor	Priamo	Eioneu		11
11	10	99	9	Heitor	Priamo	Aseu		301
11	11	100	10	Heitor	Priamo	Autônoo		301
11	12	101	11	Heitor	Priamo	Opites		301
11	13	102	12	Heitor	Priamo	Dólops	Clício	302
11	14	103	13	Heitor	Priamo	Ofélcio		302
11	15	104	14	Heitor	Priamo	Agelau		302
11	16	105	15	Heitor	Priamo	Esimno		303
11	17	106	16	Heitor	Priamo	Oro		303
11	18	107	17	Heitor	Priamo	Hipônoo		303
13	19	138	2	Heitor	Priamo	Anfimaco	Ctéato	185
15	20	166	1	Heitor	Priamo	Estíquio		329
15	21	167	2	Heitor	Priamo	Arcesilau		329
15	22	175	10	Heitor	Priamo	Lícofron	Mastor	430
15	23	177	12	Heitor	Priamo	Esquédio	Perimedes	515
15	24	183	18	Heitor	Priamo	Perifetes	Copreu	638
16	25	220	25	Heitor	Priamo	Epigeu	Ágacles	571
16	26	281	86	Heitor	Priamo	Patroclo	Menécio	843
17	27	284	3	Heitor	Priamo	Esquédio	Ífito	308
17	28	290	9	Heitor	Priamo	Quérano		614
22	X	314	1	Aquiles	Peleu	Heitor	Priamo	355
5	1	25	18	Eneias	Anquises	Créton	Díocles	542
5	2	26	19	Eneias	Anquises	Orsíloco	Díocles	542
13	3	146	10	Eneias	Anquises	Afareu	Caletor	541
15	4	168	3	Eneias	Anquises	Médon	Oileu (ilegítimo)	332
15	5	169	4	Eneias	Anquises	Íaso	Esfelo	332
17	6	286	5	Eneias	Anquises	Liócrito	Arisbante	344
14	X	155	3	Ájax	Télamon	Arquéloco	Antenor	463
14	1	156	4	Acamante	Antenor	Prômaco	Alegenor	477
16	X	204	9	Meríones	Molo	Acamante	Antenor	342
5	X	23	16	Diomedes	Tideu	Pândaro	Licáon	291
11	X	110	20	Diomedes	Tideu	Adrasto	Mérops	329
11	X	111	21	Diomedes	Tideu	Ânfio	Mérops	329
13	X	140	4	Idomeneu	Deucalião	Ásio	Hirtaco	392
17	X	283	2	Ájax	Télamon	Hipótoo	Leto	288
6	X	47	1	Ájax	Télamon	Acamante	Eussoro	8
4	1	6	6	Piro	Ímbraso	Diore	Amarinceu	517
4	X	7	7	Toas	Andrêmon	Piro	Ímbraso	527
16	X	196	1	Patroclo	Menécio	Pirecmes		287
5	X	27	20	Menelau	Atreu	Pilémenes		576
5	X	9	2	Agamêmnon	Atreu	ódio / Odio		39
17	X	284	4	Ájax	Télamon	Fórcis	Fénops	312
5	1	32	25	Sarpédon	Zeus	Tlepólemo	Hércules	656
12	2	136	10	Sarpédon	Zeus	Alcmáon	Testor	395
16	X	137	24	Patroclo	Menécio	Sarpédon	Zeus	485
7	1	64	3	Glauco	Hipóloco	Ifinoo	Déxio	14
16	2	222	27	Glauco	Hipóloco	Baticleu	Cálcon	594

Fonte: Autoria própria.

**APÊNDICE F - QUADRO 6: DETALHAMENTO DAS SITUAÇÕES FATAIS QUE ENVOLVAM NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA**

DETALHAMENTO DAS SITUAÇÕES FATAIS QUE ENVOLVAM NÃO-LÍDERES DE CONTINGENTE DA ALIANÇA TROIANA								
CANTO	MORTES			DADOS				
	Nº	Nº GERAL	Nº NO CANTO	MATA	PROGENITOR	MORRE	PROGENITOR	MOMENTO
4	1	1	2	Agenor	Antenor	Elefenor	Calcodonte	463
15	2	2	7	Agenor	Antenor	Clônio		340
4	1	4	4	Ântifo	Príamo	Leuco		491
11	X	94	4	Agamêmnon	Atreu	Ântifo	Príamo	109
7	1	62	1	Alexandre	Príamo	Menéstio	Areítoo	9
13	2	152	16	Alexandre	Príamo	Euquenor	Polido	663
15	3	153	8	Alexandre	Príamo	Deioco		341
5	1	46	39	Ares	Zeus	Perifante	Oquésio	842
13	1	142	6	Deífobo	Príamo	Hipsenor	Hípaso	411
13	2	145	9	Deífobo	Príamo	Ascálafo	Ares	518
13	1	149	13	Heleno	Príamo	Deipiro		580
14	1	154	2	Polidamante	Pântoo	Protoenor	Arílico	450
15	2	170	5	Polidamante	Pântoo	Mecisteu	Équio	339
15	3	179	14	Polidamante	Pântoo	Oto		518
15	1	171	6	Polítes	Príamo	Équion		339
16	1	261	66	Euforbo	Pântoo	Morte 1		810
16	2	262	67	Euforbo	Pântoo	Morte 2		810
16	3	263	68	Euforbo	Pântoo	Morte 3		810
16	4	264	69	Euforbo	Pântoo	Morte 4		810
16	5	265	70	Euforbo	Pântoo	Morte 5		810
16	6	266	71	Euforbo	Pântoo	Morte 6		810
16	7	267	72	Euforbo	Pântoo	Morte 7		810
16	8	268	73	Euforbo	Pântoo	Morte 8		810
16	9	269	74	Euforbo	Pântoo	Morte 9		810
16	10	270	75	Euforbo	Pântoo	Morte 10		810
16	11	271	76	Euforbo	Pântoo	Morte 11		810
16	12	272	77	Euforbo	Pântoo	Morte 12		810
16	13	273	78	Euforbo	Pântoo	Morte 13		810
16	14	274	79	Euforbo	Pântoo	Morte 14		810
16	15	275	80	Euforbo	Pântoo	Morte 15		810
16	16	276	81	Euforbo	Pântoo	Morte 16		810
16	17	277	82	Euforbo	Pântoo	Morte 17		810
16	18	278	83	Euforbo	Pântoo	Morte 18		810
16	19	279	84	Euforbo	Pântoo	Morte 19		810
16	20	280	85	Euforbo	Pântoo	Morte 20		810
17	X	282	1	Menelau	Atreu	Euforbo	Pântoo	59

Fonte: Autoria própria.